



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTE E CULTURA – IFAC
DEPARTAMENTO DE ARTES – DEART

ALINE BATISTA MARTINS

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADE PARA SE PENSAR UMA
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCENTES DA ÁREA DE ARTE

OURO PRETO – MG

2022

ALINE BATISTA MARTINS

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADE PARA SE PENSAR UMA
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCENTES DA ÁREA DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador Prof. Me.: Paulo Maffei

OURO PRETO – MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Aline Batista Martins

Residência Pedagógica: Possibilidades para se pensar uma formação continuada para docentes na área de artes

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em 31 de outubro de 2022

Membros da banca

[Mestre] - Paulo Ricardo Maffei de Araújo - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Mestre] - Samir Antunes da Silva - (Escola Estadual Dom Pedro II)

Paulo Ricardo Maffei de Araújo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/02/2023



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DE CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 02/02/2023, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0468416** e o código CRC **1E7BC06E**.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADE PARA SE PENSAR UMA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCENTES DA ÁREA DE ARTE

MARTINS, Aline Batista

RESUMO

Este trabalho realizou um estudo sobre o Programa Residência Pedagógica e suas implicações positivas na formação de graduandos(as) em Artes Cênicas Licenciatura. Desta forma, utilizou-se como metodologia o uso de pesquisa bibliográfica, entrevistas com Professor(a)s/Preceptor(a)s do Programa e a experiência da autora como Residente. Desse modo, a título de contextualização, a primeira parte do trabalho explanou-se a respeito da Arte Educação no Ensino e como tal disciplina contribui de forma positiva e satisfatória para o desempenho Educacional, intelectual e social do(a) discente. Indicou-se a importância da Residência Pedagógica e como o seu exercício equipa e enriquece o conhecimento, bem como o currículo do(a) futuro(a) docente como um canal transmissor de conhecimento voltado à área artística. Por fim, a pesquisa se encerra observando como o Programa Residência Pedagógica pode ser visto como modelo de formação continuada.

Palavras-chave: Artes Cênicas. Docência. Educação. Ensino. Residência Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

A Arte é essencial no desenvolvimento intelectual, social e político. No entanto, se tratando do contexto histórico da Arte Educação no Brasil, foi necessário traçar um caminho repleto de esforços, mudanças e conquistas para que Educadores e Educadoras pudessem expressar a importância inestimável das Artes na Educação.

Por este motivo, ao decorrer deste artigo será possível perceber que a Arte no currículo escolar não se resume a um passatempo pouco produtivo, mas sim, que o Ensino da Arte tem muito a oferecer para com os(as) alunos(as) em desenvolvimento. A Arte envolve reflexão, troca de experiências, absorção de bagagem cultural, amplia a visão de mundo e prepara o ser humano para interagir com o meio onde este está inserido, bem como a lidar com a diferença.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a “Educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (BRASIL 1997 p. 11).

A escrita do artigo aqui apresentada se estrutura em três eixos metodológicos complementares, sendo um deles de caráter bibliográfico, fundamentando-se em Brasil PCN (1997), Brasil BNCC (2020), Batalha (2019), Barbosa (2015), Cortella (2015), Cardoso e Oliveira (2009), Duarte Júnior (1991), Freitas (2020), Freire (2013) Lima e Bhetônico (2021), Martins (1986), Pianowski e Goldberg (2019), Rau (2013), Silva (2019), Santos (2019), Tamburus (2015).

Também irá conter na metodologia entrevistas com Professor(a)s/Preceptor(a)s do Programa Residência Pedagógica¹. Além de pesquisa indireta, contendo instrumentos bibliográficos como livros, artigos e periódicos relacionados à Residência Pedagógica e os benefícios decorrentes do Programa para universitários e futuros(as) docentes cuja área de formação será em Artes Cênicas Licenciatura.

O outro eixo metodológico trata-se de minha experiência no Programa Residência Pedagógica, uma vez que o Programa tem o intuito de fortalecer o conhecimento adquirido em sala de aula, complementando as experiências do(a) futuro(a) Educador(a) do campo teórico e, proporcionando contato direto com a prática.

¹O Programa Residência Pedagógica será apresentado de forma detalhada ao decorrer do texto.

Foi a partir do contato com a Escola, no Programa Residência Pedagógica e nas disciplinas de Estágio Supervisionado², que surgiram diversas inquietações acerca das dificuldades que ainda cingem o espaço escolar. Obstáculos como falta de material para aulas, aulas de apenas 50 minutos por semana, falta de espaços adequados para as práticas artísticas, em especial as das Artes Cênicas, falta de suporte, diálogo e apoio pedagógico para com Professores e Professoras de Arte.

Este texto abordará a importância da Arte Educação, assim como a contextualização sobre o(a) Professor(a) de Arte e sua formação, também irá tratar a Residência Pedagógica como potente Programa para consolidar e enriquecer a formação do(a) Professor(a) e a necessidade de se pensar uma formação para Arte Educadores(as) em exercício, de modo a dar continuidade a esse enriquecimento, bem como atualizar metodologias, conteúdos e práticas da docência.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação, sempre foi e sempre será uma prática social indispensável presente em todas as sociedades e civilizações, onde, em todo momento é atravessada pelo contexto social, histórico e político. Ademais, Educar é um ato muito complexo, pois, o processo educativo exige uma série de procedimentos, tais como: Diálogo, comprometimento, doação e, acima de tudo, um olhar diferenciado para o ser humano, um olhar que respeite as diferenças e o novo. Nessa Perspectiva, Paulo Freire (2013) aponta que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2013 p. 23).

Em razão disso, a Educação pode ser entendida como mediada e mediadora, uma maneira de compreender, interpretar e transformar o mundo. Por conseguinte, pode-se afirmar também que, o ato de ensinar pode ser visto como uma “aventura”, no qual o(a) Educador(a), em todo momento, está sendo desafiado(a) a pesquisar, refletir, reconhecer e compreender a Educação, bem como, o ser humano e os saberes que eles(elas) trazem consigo.

Daí então, considerando o papel primordial da Educação no desenvolvimento e na qualidade de vida do ser humano, urge, portanto, a necessidade de olhares voltados para a Residência Pedagógica, pois o seu papel é estimular a articulação entre teoria e prática nos

²Estágio Supervisionado é uma disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e tem por objetivo proporcionar o encontro do(a) graduando(a) com a prática Escolar. Podendo vivenciar em situação de prática o conteúdo teórico estudado.

cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as Redes Públicas de Educação básica.

Ademais

A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes que compõem a Política Nacional, tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica (PROGRAD 2022).

O Programa Residência Pedagógica faz menção à Residência Médica na formação complementar dos cursos de Medicina. “No Brasil, essa ideia também pôde ser encontrada no uso de expressões como residência educacional, residência docente e imersão docente” (FARIA, p.01 2019). O propósito surgiu a partir de pesquisas relacionadas à eficiência da Educação no país, uma vez que se percebem Professores cada vez mais inseguros e estudantes cada vez mais desinteressados.

A princípio o Programa seria uma obrigatoriedade na formação de Professores habilitados para a docência, por isso a comparação com a Residência Médica, pois seria um período intensivo após a formação do(a) licenciando(a). Mas, diante de entrevistas com alunos e alunas do curso de Pedagogia e demais licenciaturas, outros pontos foram mencionados como primordiais para a melhora desejada na Educação; entre eles, a importância da teoria e prática concomitante, a questão econômica do recém-graduado(a) também foi citada, uma vez que seria uma obrigatoriedade de 800 horas pós-formação e com isso levantou-se a indagação sobre a relevância de melhoria dos estágios supervisionados.

Como o projeto é oriundo das políticas públicas educacionais, vigente no Brasil, desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério da Educação (MEC), em 2018, a Residência Pedagógica nutre como finalidade potencializar e alavancar a formação dos(as) Professores(as) e candidatos(as) à atuação na Educação básica. O Programa, portanto, propõe projetos que exercitem a coleta de dados e diagnósticos sobre a didática, metodologia, ensino e aprendizagem nas Escolas, bem como, reformular a estrutura do estágio buscando fortalecer, consolidar e ampliar a relação entre Ensino Superior e Escola básica. Nesse sentido, o Edital nº 1/2020 define a Residência Pedagógica mediante os seguintes termos:

[...] A residência pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Durante e após a imersão o residente deve ser estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização do docente escolar, para registro em relatório e contribuir para a avaliação de socialização de sua experiência como residente. (BRASIL, 2020).

Para tanto, é importante salientar que, seja na Arte Educação ou qualquer outra disciplina, a oportunidade de ter contato com a prática, bem como discuti-la é de importância imprescindível. Além disso, a relação entre teoria e prática tem se tornado objeto de discussão para muitas autoridades inseridas no âmbito educacional, cujos pensamentos apontam para uma maior articulação entre Universidade e Escola, por isso:

A possibilidade de ter contato com a prática a partir de um programa voltado para a formação inicial, favorece a construção de bases teóricas que fortaleça uma ação futura. De modo que o presente é uma espécie de bússola que orienta, e propicia o embasamento teórico e prático, para desempenhar papéis distintos dentro do campo educacional. A conexão entre os saberes aprendidos no processo formativo torna cada vez mais eficiente esta dimensão, do saber fazer (FREITAS & ALMEIDA 2020 p. 7).

É bem verdade que a formação de qualidade dos(as) profissionais docentes consiste no fator fundamental o qual influencia diretamente o processo de ensino e aprendizagem. Logo, uma vez que tal influência não se restringe somente ao contexto da sala de aula, mas também, todo o âmbito escolar, há de se observar que uma formação isolada de Professores(as) e sem qualquer contato com a prática, conforme Lima (2021) não é suficiente para atender e superar as diversas dificuldades presentes no âmbito educacional.

Nesse modo de contextualização, meu período como Residente e também através dos Estágios Supervisionados pude perceber, na íntegra, como os(as) Professores de Arte se sentem desamparados após a formação na graduação. Durante os estágios, modelo que se repetiu no Programa Residência Pedagógica, os alunos e alunas do curso de Artes Cênicas Licenciatura são acompanhados(as) por um(a) Professor(a) orientador(a) da Universidade e também pelo(a) Professor(a) regente de turma da Escola, na qual estão estagiando.

E, levando em consideração a importância da Residência, Lima e Bhetônico (2021, apud, ALVES e GARCIA, 2000) são claros:

... o cotidiano da escola e da sala de aula tem relação direta com as decisões tomadas pelos professores, em decorrência de uma inserção dos docentes da universidade e dos licenciandos, denominados docentes orientadores e residentes, respectivamente, nesses espaços/tempos que permitiram suas participações na rede educativa, interna à escola, e nas múltiplas redes de convivência, que proporcionam a formação das variadas subjetividades dos professores da Educação Básica, considerados preceptores, e a interferência direta de diversos fatores em seus atos pedagógicos e na tomada de decisão, no que se refere aos acontecimentos escolares, à diversidade de opiniões sobre o currículo, os conteúdos ensinados, como foram ensinados, o relacionamento com os pais, os saberes mobilizados no processo de ensino e aprendizagem, situações que podem gerar campos de tensão ou consenso (LIMA e BHETÔNICO, 2021, apud, ALVES e GARCIA, 2000 p. 36).

Consequentemente, cabe destacar que dentre os muitos papéis de destaque envolvendo a Residência Pedagógica, tal prática proporciona aos docentes em formação inicial, o contato direto com o espaço Escolar, com estudantes, Professores(as) e todas as atividades oriundas do ambiente educacional. Desse modo, a Residência promove diálogo direto entre teoria e prática docente. Para Silva e Moura e Souza:

O programa de Residência Pedagógica tem como suas premissas principais o entendimento de que a formação de docentes nos demais cursos da licenciatura tem o maior foco na formação de qualidade, por meio de projetos que fortaleçam o campo da prática docente e excitando de uma maneira ativa na questão da teoria e da prática profissional, pois na maioria das vezes, o próprio estágio curricular não consegue suprir essas necessidades, para que se torne possível à promoção de um ensino de qualidade em escolas de educação básica. Utilizando coleta de dados e diagnósticos sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias e também induzir sobre a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica e também fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores (SILVA, MOURA e SOUZA, 2019 p.4).

Dentre os muitos benefícios obtidos em decorrência do Programa Residência Pedagógica, há de se observar que a convivência do contexto escolar vai muito além de simplesmente conhecer e estar a par da rotina, procedimentos obrigatórios, normas e ambiente. Conforme observam Pereira e Silva (2020), nela, isto é, na Residência, é possível perceber as dificuldades presentes nos contextos das instituições, bem como de alguns Professores(as) na articulação dos conteúdos a serem trabalhados nas disciplinas.

Em se tratando de Residência Pedagógica, um aspecto que cumpre ser observado é que:

O ingresso em um programa dessa natureza oportuniza mudanças na trajetória do licenciando, mas este lugar, por nós chamado de fronteira, devido a condição supracitada – nem professor, nem aluno – é, inicialmente, um desafio a mais, concomitante a todos os outros que tendem a ser acionados, involuntariamente, mediante determinados acontecimentos em sala de aula. A sensação de ser um “corpo estranho” se dilui gradativamente, a partir dos primeiros dias, na proporção em que nossas limitações e potencialidades são percebidas, construídas e desconstruídas no chão da escola, no trato e na convivência com a comunidade escolar e, principalmente, na aceitação do aluno que, a esta altura, já não nos vê como um “corpo estranho”, passa a interagir e procurar o residente diante de suas dificuldades escolares (SANTOS, 2019).

Não se pode negar o importante papel das Artes na Educação Básica, pois se trata de uma estratégia que contribui significativamente para a formação de crianças e jovens.

Também é através das Artes que o(a) aluno(a) desenvolve seu conhecimento sobre história, cultura e suas respectivas origens. Ademais, as Artes desempenham papel importante no âmbito da criatividade, senso crítico e capacidade de interpretação. Daí então, o importante papel da Residência Pedagógica, pois é nela que o aspirante à docência obterá contato direto com a sala de aula, desenvolverá contato com o(a) aluno(a) e friccionará teoria à prática, emergindo assim, no campo da vivência escolar.

Desde sempre o debate voltado à formação continuada de Professores tem sido uma preocupação para Pedagogos e especialistas na área da Educação. Por este motivo, as sugestões e exigências sobre aperfeiçoamento docente estão sempre em alta nas pautas sobre a Educação no Brasil.

Para tanto, é oportuno salientar que a qualificação profissional é essencial em todas as áreas e, na Educação não poderia ser diferente. Aprender novos métodos e técnicas, acompanhar as novidades e experiências dos alunos e alunas são ferramentas essenciais para uma prática bem sucedida e de qualidade. E, nessa proposta, a Residência Pedagógica cumpre o seu papel.

Faz-se importante acrescentar que o Estágio Supervisionado, tendo como elo os conteúdos teóricos adquiridos na Universidade e a prática docente, também tem o objetivo de proporcionar vivência e experiência na Educação Básica. No entanto, o ponto principal de destaque do Programa Residência Pedagógica é a presença do(a) Professor(a)/Preceptor(a) em sala de aula e nas reuniões. Porque, além orientar e acompanhar na Escola, ele(ela) também participam de todas as reuniões, inclusive, as de planejamento e as de orientação geral, conforme será demonstrado de forma mais detalhada neste artigo.

Enquanto Residente do Programa e também estagiária pude contar com orientação e respaldo dentro e fora da Universidade. Compunha um grupo no qual podíamos trocar aprendizados, solicitar sugestões e, a partir disso, pensar sobre a prática, exercer a ação e refletir sobre os resultados, para que assim, a metodologia pudesse sempre variar e evoluir. Com capacitação educacional, o âmbito escolar oferece mais recursos para lidar com os desafios de aprendizagem de cada estudante. Sendo assim, a Escola consegue propor soluções e atividades mais inovadoras, seja no contexto cultural, social, econômico e demais áreas de conhecimentos.

2.1. A Arte e sua Relevância para o Desenvolvimento Educacional

É comum que crianças apreciem os vários tipos de brincadeiras, danças, teatro, representações e interpretações de personagens diversos, pois as emoções são o principal responsável por despertar no ser humano em desenvolvimento a curiosidade e desejo de descobrir o mundo logo cedo. Daí então, a importância das Artes para o avanço satisfatório em relação ao desenvolvimento educacional.

Em concordância com Batalha & Santos (2019), a Arte diz respeito aos processos culturais e artísticos que se encontram presentes nos diversos contextos sociais, e também, em tempos históricos, os quais resultam de experiências e integração de conhecimentos. Além disso:

A arte é uma forma de o ser humano proclamar a sua criatividade para expressar sentimentos e emoções por meio de suportes e linguagens variados para encontrar o seu lugar. Você pode achar que ela está distante, que é inacessível, mas basta olhar para o lado e perceber que a nossa vida está cercada por ela e não é necessário ir ao museu ou ao teatro para acessá-la (BATALHA & SANTOS, 2019, p. 11).

Logo, seja no cinema, no teatro, na dança, ou até mesmo por intermédio da pintura, a Arte, por assim dizer, é um modo de produção de conhecimento o qual se encontra ligado à expressão verbal e não verbal de cada indivíduo. Portanto, a inserção, valorização e ampliação do Ensino voltado às Artes no contexto Escolar, concedem aos alunos e alunas a possibilidade de explorar o mundo à sua volta através de sensações e percepções, ou seja, tal prática incute no(a) aluno(a) a liberdade para o desenvolvimento de sua sensibilidade, bem como suas habilidades e expressões artísticas.

Além disso, a Arte Educação é um meio comprovado de comunicação, pensamento crítico, reflexivo e expressão. Pois, possibilita mediante os sentidos, uma relação mais completa e diferenciada da criança com o ambiente. Portanto, embora alguns desvalorizem o Ensino das Artes no contexto escolar, se faz oportuno salientar que a Arte mexe com os sentidos, isto significa, que ela atinge o(a) interlocutor(a) por meio de uma síntese, muitas das vezes, ausente na explicação dos fatos. Desse modo, pode-se dizer que

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente (BRASIL, 1997, p. 44).

É necessário destacar que o(a) Professor(a) precisa estar inteirado ao conteúdo artístico e as vivências dos alunos(as), pois a partir disso poderá ser mais dinâmico e propor diversas formas para despertar, por diferentes temas e indagações, a atenção e interesse dos discentes. E, argumentando a respeito da influência da Arte e sua capacidade de aguçar a expressão e comunicação, Martins (1986), desenvolve o seguinte argumento:

Pela Arte o indivíduo pode tomar consciência de todo o cosmos. Tanto como criador ou como mero espectador, o homem intelectualiza o fato, sente o momento, percebe com todos os sentidos, sensibiliza-se com a organização e a harmonia de cores e formas, situa-se em um meio social, cria ou recria: vive mais. (MARTINS, 1986 p. 22).

Dessa forma, a Arte eleva a criatividade e o momento de entrega da criança, ela escolhe a cor, o personagem, a situação, o diálogo e trabalha com o corpo. Evidencia-se também que a Arte por meio de métodos e brincadeiras educativas auxilia no caráter, na superação da timidez, no autoconhecimento e autoconfiança.

Faz-se essencial mencionar que quanto mais liberdade e contato com o meio é proporcionado à criança, mais desafios ela precisará superar, com isso ela deverá pensar e agir, desenvolvendo então o pensamento e o hábito de questionar as situações encontradas no dia a dia, explorando a curiosidade. Duarte Júnior (1991) é enfático:

Através da arte, o indivíduo pode expressar aquilo que o inquieta e o preocupa. Por ela este pode elaborar seus sentimentos, para que haja uma evolução mais integrada entre o conhecimento simbólico e seu próprio “eu”. A arte coloca-o frente a frente com a questão da criação: a criação de um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 72-73).

O Ensino Aprendizagem da Arte encontra-se relacionado aos valores estabelecidos em cada ambiente cultural, bem como o conhecimento que envolve a produção artística desenvolvida ao longo dos tempos. Entretanto, apesar de sua relevância para o desenvolvimento educacional do indivíduo, ainda assim, a área que trata da Educação Escolar voltada às Artes, inclusive no Brasil, possui um percurso relativamente recente, coincidindo com as transformações educacionais que revolucionaram o século XX. Nas palavras de Barbosa (2015):

O Novo Mundo, em geral, destacava a importância dada por Smith aos exercícios geométricos progressivos no ensino do desenho, sua ideia de que todo mundo tinha capacidade para desenhar, e sua crença no ensino do desenho como veículo de popularização da arte através da adaptação a fins industriais, colaborando para a qualidade e prosperidade da produção industrial (BARBOSA, 2015, p. 49).

A Arte Educação nas Escolas brasileiras vem alcançando conquistas ao longo dos anos. É possível refletir sobre esses avanços ao considerar o contexto histórico da Arte na Educação brasileira. Uma vez que, foi através da Lei nº 5.692/71 que se inseriu, mas não garantiu, a obrigatoriedade do Ensino de Arte nas Escolas do Brasil. De acordo com Barbosa (1986) desde 1920 já havia acontecido diversas tentativas de implantação da Arte nas Escolas. Pianowski e Goldberg (2019) acrescentam que

A Educação Através da Arte foi difundida no Brasil pelo filósofo inglês Herbert Read na dec. de 50 e constituiu um movimento educativo e cultural importante na busca da constituição do indivíduo pleno, completo, valorizando, no ser humano, os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procurando despertar sua consciência individual e singular em sintonia com o grupo social do qual faz parte (PIANOWSKI e GOLDBERG, 2019, p. 11).

Porém, apesar das tentativas anteriores de implantação, foi apenas em 1970 que de fato aconteceu a inserção do Ensino de Artes no currículo educacional. Desde então a Arte na Educação vem adquirindo espaço, florescimento e passando por diversas mudanças. Mas até chegar a configuração atual é possível revelar inúmeras mudanças conceituais, não apenas no material didático, mas na própria vivência escolar.

Conforme lei citada anteriormente, a Arte foi incluída como disciplina no currículo escolar no início da década de 70, mas essa inclusão, não garantiu que, de fato, os(as) discentes tivessem acesso a Arte Educação. Isso porque a falta de profissionais preparados(as) de forma qualificada era desproporcional a demanda, uma vez que os primeiros cursos de licenciatura em Arte surgiram em 1973 e com carga horária mínima de dois anos.

Essas licenciaturas tinham por desafio habilitar os futuros professores de Educação Artística em música, teatro, artes plásticas e dança, como se dois anos fossem suficientes para formar um profissional que além de “dominar” as quatro linguagens ainda fosse capaz de compreender todo o processo criativo e expressivo por trás dessas linguagens. (BERNARDES e OLIVÉRIO 2011 p. 28).

O resultado dessa formação de Educação Artística, como era conhecida, refletiu de forma negativa na Educação. Visto que o tempo de licenciatura não permitia que os futuros Educadores e Educadoras desenvolvessem habilidades aprofundadas nas quatro linguagens, o que ocasionava uma Educação Artística superficial, mediada com base apenas em livros didáticos e poucas atividades que desenvolvessem a criatividade, expressividade e autonomia dos(as) estudantes.

A Arte Educação, como ficou conhecida e contextualizada até hoje, surgiu nos anos 80, com o intuito de proporcionar identidade e esclarecer qual era a função do(a) Professor(a)

de Arte, pois até então estava confuso e sem parâmetros. Ressalta-se que para Bernardes e Olivério (2011):

O professor precisa escolher o que ensinar em sala de aula, de modo que essa escolha leve a compreensão da arte não como um evento isolado, mas relacionado com uma determinada época e local. É através das escolhas feitas pelo professor que os alunos perceberão as qualidades das formas artísticas, ou seja, o aluno desenvolverá sua percepção estética. (BERNARDES e OLIVÉRIO 2011 p. 30).

Dada sua relevância para o desenvolvimento educacional e intelectual do(a) discente, a Arte, no processo de formação do(a) aluno(a), oferece ao estudante a oportunidade para que o mesmo se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais, integrando imaginação, percepção, intuição, memória e raciocínio.

Neste sentido, um aspecto que vale a pena ser colocado a lume, diz respeito ao conhecimento que o ser humano possui em relação do mundo, e este, se dá mediante dois processos, o saber, o sentir e o simbolizar.

Os sentimentos abordam as apreensões diretas das situações que se apresentam no cotidiano, já o simbolismo relaciona essas apreensões formando conceitos. Através da Arte temos a oportunidade de esclarecer com maior consistência nossos sentimentos, além de termos a possibilidade de desenvolver nossa imaginação, aumentar nosso conhecimento histórico e cultural, vivenciar e ampliar situações distantes e nossa visão de mundo além de nos proporcionar um equilíbrio entre o sentir e o pensar (PEREIRA e CAIXETA, s/data p.05).

Apesar de todas as informações já elencadas a respeito da importância e relevâncias das Artes no contexto estudantil, para fazer jus ao assunto em questão, é válido acrescentar que, as Artes nutrem apreço no meio pedagógico, tendo em vista as seguintes ponderações:

... propõe a ruptura com a cópia, deslocando a ênfase para a expressão, a subjetividade, o processo de ensino e a percepção dos estudantes. No contexto histórico em que surge, há o despertar do interesse pela produção artística infantil (processos mentais, imaginação e desenho infantil), tendo como influência a Teoria Gestáltica e as ideias de educadores como John Dewey, Viktor Lowenfeld e Herbert Read [...] Nessa Pedagogia, o foco é no aprender fazendo por meio de tentativas experimentais que estimulem a pesquisa e a descoberta (PIANOWSKI e GOLDBERG, 2019, p.15).

Batalha (2019, apud, BARBOSA, 2008, p. 18) vai mais além dizendo:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BATALHA, 2019, apud, BARBOSA, 2008, p. 16).

Para tanto, o Ensino Aprendizagem da Arte abre perspectivas para que o(a) discente tenha uma compreensão diferenciada de mundo. Ademais, a Arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, ser flexível e buscar novas referências a cada momento. Logo, o indivíduo ignorante em relação a Arte carrega uma bagagem de aprendizagem limitada. Pode-se dizer que escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa, da sonoridade instigante através da poesia, bem como “das criações musicais, das cores e formas, gestos e luzes os quais alegram a existência e aguçam a curiosidade em busca do sentido da vida” (BRASIL, 1997, p. 19).

A cultura sempre foi tema relacionado a grandes pesquisas e deve ser identificada como uma construção contínua da história de cada pessoa. Não se trata de algo que é dado pela natureza, mas produzido pelo ser humano. E nesta caminhada, a Arte é uma ferramenta indispensável na tarefa de moldar e transformar o indivíduo como ser social.

Trago aqui uma reflexão necessária acerca da Arte Educação nas Escolas de Educação Básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é documento normativo que regulamenta as aprendizagens e conteúdos essenciais que devem ser trabalhados no decorrer de todo o ensino escolar.

O documento citado é muito importante para as Escolas, pois nele estabelece os objetivos que se espera alcançar dentro do Ensino Aprendizagem. Visto isso, o documento sugere possibilidades de experiências artísticas, pois além da disciplina de Arte estar centrada nas linguagens da música, por exemplo, as artes visuais, teatro ou dança, são responsáveis por apresentar uma unidade temática, isto é, Artes integradas, as quais se referem às relações existentes no âmbito das linguagens.

Parte interessante dessa proposta é que a BNCC faz referência ao elo que as Artes devem constituir com fatos históricos e questões políticas, sejam elas atuais ou não, também faz menção que além de valorizar a cultura da região, do país e do mundo, os Professores e Professoras devem caminhar juntos(as) à outras linguagens.

O ponto que faz jus refletir, em concordância com Pessoa (2021) é:

A ideia de um ensino e uma formação polivalente em Artes. A polivalência nesse contexto, é um pensamento que propõe um(a) professor(a) capaz de dar conta de ensinar quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) e que ainda se mostra bastante presente em diversas escolas, mesmo sendo uma pauta frequente entre alguns (umas) arte-educadores (as), que entendem as especificidades e a complexidade que cada linguagem carrega em si e, com isso, não concordam com a perspectiva de que, sem um extenso processo de formação, tenha-se um profissional capaz de lecionar todas as linguagens artísticas com qualidade. (PESSÔA 2021 p.9)

A partir da circunstância relatada é natural pensar em quais os desafios para se garantir uma experiência de Ensino Aprendizagem de qualidade.

2.2. A Residência Pedagógica e sua Função Preparatória

A Educação sempre foi e sempre será uma prática fundamental perante sociedade. Ademais, em se tratando de uma prática indispensável para o bom desenvolvimento de todos e todas, em seu Artigo 205, a Constituição Federal de 1988, destaca que a Educação é um dever do Estado, da família e com a devida colaboração da sociedade para o bom desenvolvimento da pessoa. Logo, buscar soluções para as dificuldades de aprendizagem não é apenas um dever educacional, mas também social.

Quanto as qualificações esperadas de um(a) profissional da área da Educação, muito tem se debatido em cursos, congressos pedagógicos e encontros para Professores(as), os quais se encarregam de discutir de forma exclusiva pontos relevantes referentes à Educação e ascensão da qualidade do ensino oferecido nas Escolas brasileiras. Dito isto, cabe dizer que, dentre os muitos assuntos discutidos e debatidos em tais congressos, a qualificação profissional e intelectual do docente está sempre em pauta.

O mundo tem passado por diversos processos, mudanças e evoluções. Com o advento da Internet e o avanço das tecnologias as informações chegam até nós numa velocidade nunca vista antes. Nesse contexto, as Escolas se deparam cada vez mais com alunos e alunas curiosas, excesso de energia, agitadas, questionadoras e sempre em busca de novidades.

Logo, cabe ao Educador(a) estar preparado(a) para responder os anseios e expectativas de alunos(as) bombardeados(as) por um número gigantesco de informações, nem sempre informações verdadeiras e de qualidade. Daí então, a importância do Programa Residência Pedagógica, pois o ato de colocar o(a) futuro(a) Educador(a) em contato direto com os(as) alunos(as) constitui-se numa ferramenta de estratégia, cujo objetivo aponta para um preparo de qualidade, moldando assim, o perfil de alguém que nutre o desejo de transmitir conhecimento.

Aliás, um detalhe que carece de reparo diz respeito à falsa ideia de que o curso de Graduação, isto é, o período de formação na Universidade, prepara o(a) futuro(a) profissional fornecendo-lhe todas as ferramentas necessárias concernentes a um bom desempenho ocupacional. Muito além da titulação universitária está a constante necessidade de renovo, inovação e busca contínua de conhecimento. É como observa Cortella (2015) de forma brilhante quando diz:

...a pessoa humilde é capaz de ter dúvida, e isso é motor de mudança. Cuidado com gente que não tem dúvida. Gente que não tem dúvida não é capaz de inovar, de reinventar, não é capaz de fazer de outro modo. Gente que não tem dúvida só é capaz de repetir (CORTELLA, 2015, p. 29).

Entre as muitas questões as quais mobilizam e inquietam os(as) Educadores(as), encontra-se a organização de propostas voltadas para a formação profissional, e claro, fundamentadas na estreita relação entre teoria e prática. Segundo Rau (2013) pesquisas apontam que, no âmbito escolar contemporâneo existe uma constante necessidade de a Escola trabalhar com conteúdos programáticos com aplicabilidade na prática, ou seja, uma metodologia capaz de corresponder aos anseios de um(a) aluno(a) questionador.

Uma perífrase citada a partir de Cardoso e Oliveira (2009 p. 171) pode-se dizer que muitos são os modos que surgem relacionados à investigação a respeito da formação do(a) Educador(a), a relação dos saberes teóricos e dos saberes de ação; relação da formação acadêmica e do trabalho docente, bem como o seu papel na formação das identidades profissionais; reflexões sobre a formação e seus respectivos efeitos no fazer e desempenho docente; organização da formação em relação ao contexto escolar e, conseqüentemente, as relações concernentes as situações de formação e as situações de trabalho, dentre outras possibilidades.

Em tempos remotos, isto é, fazendo um contraste sobre o papel do(a) Professor(a) nos tempos antigos e comparando-o à atualidade, vê-se nitidamente uma disparidade gigantesca no tocante à prática do ensino. Em outros tempos o(a) Professor(a) era visto como alguém que era detentor do conhecimento, ou seja, um profissional que se preparou durante vários anos, se qualificou e especializou-se numa determinada área do conhecimento e agora carrega sobre si a responsabilidade de transmitir o conteúdo adquirido aos alunos e alunas. Todavia, tal realidade mudou. Segundo Tamburus (2015):

Agora, surge uma nova definição para o profissional que leciona: orientador de aprendizagem. Trata-se daquele que conhece determinado assunto, mas, em vez de apenas transmiti-los e compartilhá-los, também motiva os estudantes a buscá-los. Exerce o papel de orientador, acompanhando de perto o desenvolvimento da atividade proposta em consonância com a realidade. Seu objetivo é contribuir para a aprendizagem do estudante, não de forma descontextualizada, mas sim relacionando o que se aprende com o que se vive. Ao mesmo tempo, ajuda o estudante a desenvolver a autonomia e o espírito crítico, preparando-o para o mundo do trabalho e o exercício da cidadania (TAMBURUS, 2015 s/p.)

Posto isto, o excerto acima apresentado descreve com vasta clareza o perfil do(a) aluno(a) contemporâneo e reitera o papel fundamental da Residência Pedagógica como ferramenta de preparo para o(a) Educador(a) imbuído de ensinar Artes. Pois o papel do(a)

Professor(a) não se trata tão somente de transmitir conhecimento, mas sim, adaptar a informação à realidade social na qual se encontra inserido.

Sobre a necessidade de melhor preparação dos(as) Professores(as), uma empreitada que a Residência Pedagógica tem cumprido, Rau (2013) é claro:

... desde há muito, ocorrem problemas na formação desses professores, no sentido de identificar a relação dialética existente entre os aspectos acadêmicos que possibilitam uma relação de interação entre a prática que cada professor irá desenvolver baseando-se na realidade educacional em que for atuar e a teoria, que se funda na concepção de educação, de criança e de sociedade da própria instituição educacional (RAU, 2013, p. 26).

Além disso, a falta de clareza do perfil profissional se reflete nos currículos, o que torna os cursos fragmentados e distantes da realidade prática pedagógica desenvolvida nas Escolas. Em muitos casos, a formação acadêmica em nível superior, salvo raras exceções, “limita-se somente a um grupo de disciplinas teóricas as quais se encontram totalmente divorciadas da prática na qual os futuros Educadores irão atuar” (RAU, 2013, p. 26).

Nesse sentido a Residência Pedagógica é rígida e, ao mesmo tempo, proveitosa para o(a) futuro(a) Professor(a) de Artes, pois requer cumprimento de carga horária, bem como considerável grau de compromisso. Para os(as) Residentes pode-se citar a atribuição de realizar diálogos com os(as) preceptores³ e orientadores⁴ sobre as atividades desenvolvidas e os prováveis impactos nos processos de Ensino dos(as) alunos(as) das Escolas parceiras. Dedicar 23 horas semanais ao Programa, sendo primordial frequentar a Escola conveniada nos dias combinados. Apresentar os resultados parciais e finais dos trabalhos desenvolvidos através de relatórios e eventos universitários, frequentar todas as reuniões solicitadas por orientadores e preceptores.

Contrastando com o parágrafo acima, urge salientar que a Residência Pedagógica, no âmbito de sua função preparatória do(a) Professor(a) de Artes, desempenha o papel de proporcionar desenvoltura profissional. É o que destacam Cardoso e Oliveira (2009) através das seguintes argumentações:

O desenvolvimento profissional se processa ao longo da vida e envolve crescer, ser, sentir, agir. No seu desenvolvimento profissional o professor está sujeito a fases, ciclos, que podem ser interpretados como os estágios de desenvolvimento profissional. Este processo se reflete da sala de aula, nas atividades para os contextos comunitários e para mundo, e *integra saberes e afetos, educação e cuidados* (CARDOSO e OLIVEIRA, et al, 2009, p. 176).

³Os Preceptores no Programa de Residência Pedagógica são Professores da Escola de Educação Básica responsáveis por planejar, acompanhar e orientar os estudantes-estagiários nas atividades desenvolvidas na Escola e em sala de aula.

⁴Os Orientadores do Programa são os docentes responsáveis por planejar e orientar as atividades dos Residentes.

Além disso, tendo em vista a sua função preparatória, o argumento favorável à Residência Pedagógica se fortalece uma vez que a prática oferecida na imersão direta com os(as) alunos(as) na sala de aula, produção e fruição são melhor aproveitadas na aprendizagem quando articuladas com a reflexão, um fator que favorece o saber e o pensar sobre a Arte

O eixo de aprendizagem, articulado com os conteúdos da área, com os de outras áreas e com a transversalidade, deve configurar a elaboração do currículo escolar juntamente do contexto educacional em que a escola se insere. Como agente ativo e participativo da sua aprendizagem, deverá estabelecer conexões, formar ideias sobre a sua própria produção, a dos colegas e dos diversos povos na sociedade; distinguir e argumentar sobre qualidade, realidade e transformá-la, além de se apropriar do conhecimento, atribuindo-lhe significados (BATALHA, et al, 2019, p. 24).

Neste contexto, à propósito de ressaltar sua relevância, a Residência Pedagógica favorece os(as) futuros(as) docentes uma vez que, espera-se dos(as) Residentes em Artes, o desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito do seu papel na sociedade. Buscando assim, em argumento com Pianowski e Goldberg (2019) práticas libertadoras e o desenvolvimento de importantes transformações sociais nas quais o mundo contemporâneo se encontra inserido.

“Para a formação de um(a) docente de qualidade não se pode prender somente a acumulação de conhecimento e informação. É preciso, portanto, a significação das informações para que estas se tornem conhecimento” (RAU, 2013, p. 33). Desse modo, uma vez que a Residência mescla conhecimento e prática, a sua inserção no currículo dos novos docentes em Artes contribui de forma assertiva para que o conhecimento seja complementado pelo campo das teorias e alcance o universo das significações, passando pela área cognitiva, afetiva, motora, social e política.

Muito tem sido feito objetivando melhores condições de ensino e melhores preparos para Professores e Professoras, Educadores(as) e Pedagogos(as). Logo, levando em consideração o contato direto com o(a) aluno(a) e a sala de aula proporcionado pela Residência, tal iniciativa, desde a sua iniciação em 2018, tem colaborado de forma significativa para que o(a) futuro(a) docente se junte das teorias e conheça, na prática, as realidades sociais, educacionais e intelectuais do(a) aluno(a) em processo de aprendizagem e formação humana.

2.3 Residência Pedagógica como Formação Continuada para Docentes da Área de Artes

Seria irreal exigir que o(a) docente em Arte dominasse todas as linguagens e conteúdos artísticos, uma vez que o processo de lecionar em Arte não é permanente, muito pelo contrário, o processo sofre constantes mudanças de acordo com a cultura, contexto político, econômico, social, espaço-tempo de ensino aprendizagem, organização institucional e curricular.

Conforme apontado diversas vezes no decorrer deste artigo, a Residência Pedagógica é vista como essencial para formação docente, uma vez que é a partir das práticas Artísticas Pedagógicas que o(a) futuro(a) Professor(a) se depara com as vivências, obstáculos, conquistas e dificuldades da realidade escolar.

A teoria do curso de licenciatura oferece conhecimento, desenvolvimento e crescimento. Mas, é através da prática que se faz possível sentir, vivenciar e ampliar nossa percepção de mundo. Ao atuar na Educação Básica Pública, por meio do Programa Residência Pedagógica ou por intermédio de Estágio Supervisionado, adquirimos diversas oportunidades no âmbito pedagógico e artístico, além de ser uma porta de entrada para conhecer a realidade de cada aluno(a), Escola e comunidade onde vivemos.

Trata-se, pois de um tempo de aprender em serviço, de familiarizar-se sob controle e orientação de alguém mais experiente e competente. É o *learning by doing* pelo qual se conjuga teoria/prática. Será aquele período transitório de formação e aprendizagem que, através de um tempo de permanência no estabelecimento sob orientação de uma figura sênior, se torna uma condição da classe inicial de uma carreira. (CURY. P. 23. 2013).

No entanto, acrescenta-se que o(a) licenciando(a) opta por fazer parte do Programa ou não. Ou seja, não serão todos(as) os(as) futuros(as) Educadores(as) que irão experienciar a Residência. Acrescenta-se que a Universidade deve ser conveniada ao Programa e o processo seletivo se dá por número de vagas e entrevista com os interessados e interessadas.

É preciso destacar que quando atuei no Programa Residência Pedagógica estávamos dentro do contexto pandêmico causado pela COVID-19⁵. Essa situação fez com que a prática acontecesse em uma realidade não convencional, em um período de adaptação para Orientadores, Preceptores(a) e também para os(as) estudantes, por este motivo as aulas aconteceram por meio de vídeo chamada.

⁵ COVID19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus que se espalhou pelo mundo no ano de 2020. Por este motivo foi recomendado pela Organização Mundial da Saúde que toda a população permanecesse em distanciamento social, ou seja, isolamento domiciliar.

O Programa foi coordenado institucionalmente por Douglas da Silva Tinti e teve como docentes orientadores os Professores Ernesto Gomes Valença⁶ e Guilherme Poliello⁷, estando como Preceptores o Professor Giovany de Oliveira Silva que atua na Escola Estadual José Leandro, o Professor Samir Antunes da Silva que leciona na Escola Estadual Dom Pedro II e a Preceptora, Professora Erika Curtiss dos Santos que é Educadora na Escola Municipal Professora Juventina Drummond e conforme mencionado os alunos e alunas dos cursos de Artes Cênicas e Música como residentes.

O Programa Residência Pedagógica fez com que eu vislumbrasse a importância da formação continuada. A possibilidade de ir além às práticas e percepções artístico-pedagógicas fez com que eu refletisse sobre o respaldo que a Universidade nos oferece enquanto estudantes, mas também, fez-me perceber o isolamento que o(a) Professor(a) de Arte sente ao se tornar um(a) Educador(a).

Dado que, ainda hoje, mesmo depois de todo decurso da Arte Educação, o(a) Professor(a) é visto com estranhamento pela gestão e corpo docente escolar. A função do Ensino da Arte também é questionada ou muitas vezes reduzida ao momento de decorar a Escola para apresentações, ensaiar danças ou montar peças de teatro para outras disciplinas, ou seja, a disciplina de Arte, por muitas vezes, é utilizada como ferramenta para outros fins que não a produção de conhecimento específico que reconheço e defendo em relação à Arte.

Ser Educador(a) é uma escolha que requer muito estudo, prática e dedicação. A sala de aula muda de acordo com a realidade, por este motivo é imprescindível que o(a) Professor(a) esteja sempre buscando pela inovação do conteúdo, pelo conhecimento contínuo, pela evolução do saber, aprimorando e resignificando suas práticas docentes.

A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial... A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor econômico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer (DELORS, 2003 p 160).

Desse modo, se tratar a formação docente em Arte é assunto delicado e requer atenção, tampouco tratar a formação continuada também é um grande desafio. Em razão de que, o(a) Educador(a) ao adentrar as salas de aula questionam, muitas vezes, por não receber apoio adequado, mencionam se sentir perdidos(as) por não obter suporte, atualização dos conteúdos,

⁶Ernesto Valença é Professor/Doutor no Curso de Artes Cênicas no Departamento de Artes Cênicas (DEART) da UFOP.

⁷Guilherme Poliello é Professor/Doutor no Curso de Música no Departamento de Música (DEMUS) da UFOP.

estímulo e etc. Por conta disso, muitos(as) desistem da profissão ou seguem atuando de forma desestimulada, ressoando assim, na prática pedagógica.

Evidentemente a renúncia não acontece apenas por este motivo; baixos salários, condições precárias de trabalho, o não reconhecimento e a desvalorização do(a) Educador(a) também são fatores fundamentais para reconsiderarem o cargo. De acordo com uma pesquisa feita pelo Movimento Todos Pela Educação⁸, 49% dos docentes não indicariam a profissão para um jovem, estudante, colega ou familiar.

A falta de confiança nas secretarias de educação também justifica o descontentamento profissional. Segundo os dados da pesquisa do Todos pela Educação, 59% dos docentes discordaram da afirmação “Acredito que a Secretaria da Educação está efetivamente preocupada com a melhoria da aprendizagem dos alunos”. Para 64% deles também não há um bom canal de comunicação entre professores e a Secretaria de Educação. A maioria ainda opinou que a pasta não dá continuidade a bons programas e também não ajusta os projetos que não funcionam bem. (FERREIRA, 2018 s/p.)

Com isso, percebe-se a importância de ter um(a) profissional, uma secretaria, um curso ou uma formação continuada em que o Educador(a) possa confiar, verbalizar seus sucessos, seus obstáculos, suas percepções; além disso conversar sobre a metodologia aplicada em sala de aula e a interação entre os(as) discentes.

Foi tratado, no decorrer de todo este trabalho, como a Residência Pedagógica é primordial na formação docente. A partir deste momento, será apresentado um paradigma sobre como o Programa Residência Pedagógica também pode ser pensado como modelo de formação continuada para docentes da área de Arte. Para isso, será destacado exemplos da minha prática como Residente, na qual pude perceber possibilidades que enriquecesse a experiência docente, em detrimento de toda complexa rede de trocas, estudos e conversas dentro do Residência Pedagógica, o que me fez querer aprofundar essa minha percepção, bem como confirmá-la. Deste modo realizei entrevistas com Professor(a)s/Preceptor(a)s do Programa Residência Pedagógica buscando dar consistência a minha percepção e reflexão sobre o ofício da docência.

Ressalta-se mais uma vez que o Programa aconteceu em parceria com três Escolas Públicas. Uma vez por semana todos(as) os Orientadores, Preceptores e Residentes se encontravam virtualmente para dialogar, planejar e analisar como seria a programação de cada grupo escolar, essas reuniões foram nominadas de encontros abertos ou encontro geral.

⁸ Pesquisa realizada por Paula Ferreira e divulgada no site “O Globo Brasil” no ano de 2018. Acessada em <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/pesquisa-mostra-que-49-dos-professores-nao-recomendam-profissao-22823861>

Além disso, nos encontros abertos, debates e reflexões sobre a estrutura e leis da Educação no Brasil e principalmente das Escolas-campo⁹ eram levantadas. Estudávamos textos sugeridos pelos Orientadores, assistíamos vídeos para abranger nosso olhar Educador e uma chuva de ideias e experiências eram compartilhadas frequentemente. Porque, é primordial ter consciência sobre a realidade da prática com embasamento à teoria.

Para descrever um pouco do contexto das reuniões pode-se acentuar que nos encontros abertos os Professores/Preceptores expunham suas reflexões acerca das dificuldades e privilégios de lecionar em uma cidade do interior de Minas Gerais, também ressaltavam os seus direitos e deveres enquanto profissionais da Educação e mencionavam sobre as suas vivências no cotidiano Escolar de Escolas Públicas do município de Ouro Preto.

Conforme fomos adentrando a sala de aula também compartilhávamos nossos processos, isso foi necessário para termos consciência de que desejávamos fazer a diferença, que era e ainda é possível aprimorar e somar quando se está inserido no ambiente escolar.

Elaboramos uma divisão de três módulos; dentro de cada módulo havia um planejamento e obrigatoriamente todos(as) Residentes deveriam conhecer e participar efetivamente das três preceptorias, logo, conhecer a didática das três Escolas-campo. Ou seja, além dos encontros abertos, também acontecia, uma vez por semana, a reunião de preceptoria, que era o encontro entre os(as) Residentes daquele grupo e o Professor/Preceptor da Escola que estávamos atuando naquele módulo.

A divisão de módulos aconteceu para que todos e todas pudessem adquirir experiências distintas no meio escolar. Já que, cada Escola traz consigo uma gestão, um perfil e uma metodologia de ensino. Com isso os(as) Residentes puderam atuar com diferentes planejamentos e vivências para a prática acadêmico-profissional.

Foi aí que, ao planejar e lecionar algumas aulas eu percebi que preparar uma atividade online, diferente de tudo que estávamos acostumados era desafiador e com grandes possibilidades de não seguir o que estava no papel.

Em uma das minhas experiências em sala de aula, de acordo com o planejamento escolar, lecionei um conteúdo sobre o tema “Arte contemporânea”. Idealizando um pequeno diálogo para entender o que os(as) discentes dominavam sobre o tema, foi criado um roteiro com perguntas, também selecionei vídeos e fotos para exibir e a partir disso dialogar. A primeira tentativa foi falha, pois o diálogo que nortearia as minhas falas se tornou um

⁹Escola-Campo é a Escola que tem parceria com o Programa. Ou seja, são as Escolas onde os Residentes atuam.

monólogo, as respostas eram muito objetivas, se resumindo em um silêncio constrangedor ou em falas como “sim” ou “não”.

Com isso fiquei sem norte e despejei muita informação sem se quer ter a certeza de que estavam me ouvindo ou se estavam entendendo o que eu gostaria de transmitir; nas vezes em que perguntei se estavam acompanhando e se eu poderia seguir com o conteúdo, me surpreendi com um breve “sim” de poucos microfones ou câmeras ligadas.

Ao terminar essa aula solicitei um *feedback* do Preceptor e relatei minhas angustias e dificuldades em reunião. É fácil se perder quando sabemos que temos apenas 50 minutos para expor e contextualizar um conteúdo de anos, décadas e até mesmo séculos.

Mas, é fundamental ter suporte, poder anotar e compartilhar essas questões com um grupo que irá ouvir e fazer sugestões, também recebi, no encontro aberto, recomendações de atividades que poderiam estimular a participação dos(as) alunos(as). Neste momento eu tive a certeza de como é essencial ter auxílio e supervisão, como é importante saber que não estamos sozinhas(os) para lidar com uma situação completamente nova e desafiadora.

A promoção de encontrarmos tem o intuito de promover trocas de experiências, diálogos e de lapidar a qualidade de nossas aulas. Ressalta-se que essas práticas são indescritivelmente importantes no contexto escolar e por este motivo devem ser enaltecidas. É possível elencar inúmeras experiências de Professores(as) que passaram e passam por situações de dúvida, desafios e atividades que não deram certo em sala de aula. Por esse motivo a entrevista faz parte da metodologia deste trabalho.

2.4 Entrevistas

Uma das estratégias mais destacadas nas reuniões da Residência Pedagógica foi a rede de diálogo que construímos no Programa, de modo a destacar como as discussões, estudos e práxis pedagógica se fizeram importantes no processo e deveriam ser mais frequentes após a formação docente.

Com isso, percebe-se como existe uma lacuna entre o apoio e o espaço de diálogos vivenciados durante a graduação e a quase ausência destes no processo da prática docente. Sendo que é na vivência da sala de aula, no dia a dia, que se faz possível perceber, de fato, as problemáticas da Arte Educação.

Obviamente, a rede de apoio dentro da Universidade é necessária e deve permanecer, afinal os(as) universitários(as) estão em processo de aprendizagem. Mas, é preciso destacar que o(a) Arte Educador(a) nunca finaliza seus estudos, não existe uma fórmula perfeita para

aplicar na prática educacional, o(a) docente em ofício está – ou deveria estar - sempre buscando pelo novo para acompanhar o “ritmo” e o pensamento de seus alunos e alunas.

Por este motivo eu sempre me questionei como seria o pós- formação em Arte, como seria o lecionar, com pouca ou nenhuma, rede de apoio. Existe um projeto, curso, formação continuada ou proposta de encontro entre docentes da área de Artes? No que diz respeito à partilha das práticas, pode-se dizer que seria um modo de estímulo e encorajamento para lecionar?

Posto isso, a entrevista foi realizada com os(as) Professores/Preceptores que pude acompanhar, crescer e aprender, através da experiência no Programa Residência Pedagógica. Infelizmente, não foi possível desenvolver a entrevista com um dos Preceptores, mas isso não prejudicou a eficácia do trabalho, uma vez que a conversa com o Professor Samir Antunes da Silva e Erika Curtiss dos Santos foi muito proveitosa, intensa e necessária.

A entrevista se deu por meio de uma conversa mediada pelas seguintes perguntas:

- Como você enxerga a sua formação, na graduação, como Arte Educador(a)?
- Você participou de algum Programa ou Projeto de Arte Educação na sua trajetória acadêmica?
- Você acha que a sua formação te preparou o suficiente para adentrar a sala de aula e reger os conteúdos de Arte?
- Qual a sua opinião sobre o Programa Residência Pedagógica, tanto para os(as) alunos(as) bolsistas como para os Professores/Preceptores? Você sente falta de uma formação continuada com o propósito de aprimoramento do seu “Eu” Artístico Pedagógico?
- Se sim, como você imagina que essa formação poderia acontecer?

A primeira entrevista foi realizada com a Professora Erika que é graduada em Pedagogia e também em Música, pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão Pública, ela menciona que no decorrer de sua atuação na Rede Básica de Ensino sempre participou e buscou por cursos de formação complementar.

Logo no início ela fez um adendo muito importante para se pensar o contexto da Educação no Brasil e que fará sentido ao decorrer do diálogo e reflexões causados pela entrevista. Ressaltou que o(a) profissional graduado(a) em Pedagogia irá trabalhar da Educação Infantil até o 5º Ano do Ensino Fundamental, neste sentido, ela avalia que infelizmente, quem opta por trabalhar com a Infância recebe menos valorização salarial, uma

vez que quem atua do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio receberá melhor remuneração.

Erika acrescentou que isso causa indignação, pois o trabalho na Educação Infantil é intenso, porque é preciso se reinventar a todo instante, ela articulou que trabalhar com a Educação é um processo incansável na busca pelo novo. Mas, que se faz necessário dizer que quanto mais novos, os alunos e alunas forem em idade, mais irá demandar na proposta da didática, dinâmica e o desenvolvimento desse exercício se torna mais trabalhoso. Ao final do raciocínio ela acrescenta que percebeu isso, pois tem experiência com o Ensino de diferentes idades, porém, a disciplina que ela mais lecionou foi a Música na Educação Infantil.

A Professora Erika aponta que existe muita ansiedade, até mesmo por parte da família, para que as crianças comecem a ler e escrever muito cedo, no entanto, isso também pode ser pensado. Porque o corpo, a autonomia, a expressão do sentimento e a coordenação motora precisam ser trabalhados com muito carinho e atenção. Algo que ela acentua, com muita ênfase, é que não estamos em sala de aula para fazer pelo aluno(a), tampouco para entregar a solução pronta, mas que estamos presentes para guiar, auxiliar, para que a criança possa compreender e experimentar o caminho; e a Arte pode ser essencial na solução dessas questões.

A Preceptora menciona que se tratando do contexto Escolar, ela sente que a Arte é bem vista, mas tratada como menos importante. Ela salienta que a própria sociedade enxerga a Arte como um pêndulo e a Escola não está fora da sociedade, por conta disso o corpo docente ainda nos olha como entretenimento, ainda nos trata como o Professor e a Professora que promove a festa junina, que promove os(as) alunos(as) nas apresentações, mas sabemos que não somos apenas entretenimento.

A Educadora finaliza essa etapa mencionando que o processo deve ser percebido com mais valor, porque experimentar, jogar, criar sons e cenas teatrais não necessariamente precisa de um motivo final para acontecer, uma vez que tem o intuito de expressar as emoções e o sentir, logo o processo de experimentar também se faz importante.

Após elencar todos estes tópicos ela enfatiza que o amparo, o diálogo, a compreensão e a participação escolar depende do(a) Supervisor(a) Pedagógico(a), da linha e metodologia que a Escola segue. Dialogar com o(a) Supervisor(a) Pedagógico(a) pode se tornar um grande desafio, porque, na maioria das vezes, esse profissional estudou as linguagens artísticas de uma forma muito superficial, não domina conceitos da área de Artes, não por culpa da(a) Pedagogo(a), mas por falha na formação.

A Erika expõe que a filosofia que ela adotou como pensamento para atuar no Ensino da Arte, é: “Seja a melhor Professora que você puder ser naquele grupo, naquele ano, visto que estamos lidando com a formação humana e formação do pensamento”. A Professora registra que as vezes a Arte pode ser incompreendida pelo(a) Gestor(a) e Supervisor(a) da Escola, as vezes pode acontecer de “bater de frente” com os demais profissionais do âmbito escolar. Em alguns locais se constrói uma relação de parceria, outros não.

Enquanto formação continuada ela menciona que seria muito interessante se a Universidade pudesse proporcionar um Projeto voltado para este assunto, que ela não saberia dizer como, de fato, poderia vir acontecer, mas que a Universidade tem contato direto com Escolas, Professoras e Professores em formação e em atuação, por isso ela pensa que seria um espaço facilitador desse processo.

A Preceptora afirmou e me fez pensar que, para ela o Programa Residência Pedagógica foi uma formação continuada, a mesma enfatizou que foi excelente, porque foi com as leituras recomendadas pelos Orientadores que ela conheceu novos autores, nas reuniões ela conheceu propostas e ideias que estavam fora do seu ambiente.

Um ponto importante dito no diálogo, é que o(a) Professor(a) leva muito trabalho para a casa, dentro da Escola o tempo é curto e a questão salarial também é um desafio, uma vez que o(a) profissional precisa buscar trabalho extra para complementar a renda ou assumir aulas de duas, três ou mais Escolas. Por conta disso, fazer leituras densas e parar para pensar e resignificar as aulas é difícil, por este motivo o Programa Residência Pedagógica é uma oportunidade de formação para o(a) Educador(a), por conseguinte, esses campos de discussões são importantes, o espaço para tratar embasamentos teóricos são relevantes.

Ao perguntar o que ela pensa sobre a formação que recebeu na graduação e se considera que, de fato, estava preparada para adentrar a sala de aula, ela disse que por ter feito parte da primeira turma de Música da UFOP, todos os Professores eram muito competentes, mas ainda estavam verdes, estavam aprendendo, todos aprendendo a ser Universidade, por isso ainda não existiam Programas e Projetos de Extensão. Mas, também se faz possível pensar que tudo tem a ver com a maturidade, porque a gente chega jovem e sai jovem da graduação, a gente sai com a necessidade de amparo e apoio, por isso deveria existir um fórum continuado, algo que nos apoie. Ela disse que para ela isso só foi se corrigir com o tempo, com o exercício da prática, porque ela não teve esse tipo de fórum.

Incluindo, é interessante mencionar que a mesma realçou não ter feito Estágio Supervisionado, uma vez que já trabalhava na área, era Professora de Música na Educação, conseqüentemente supriu a carga horária de Estágio Obrigatório. Ou seja, não pôde desfrutar

da oportunidade de observar, experienciar e conhecer a prática docente antes de atuar, toda a sua bagagem foi traçada por si só.

Na Arte e Música vamos aprender principalmente praticando, não existe resultado pronto. Todavia, a Professora salientou que quatro anos de graduação, se tratando da Música, é muito pouco, porque são insuficientes para dominar as técnicas da linguagem musical, é necessário um conhecimento prévio do instrumento para que em quatro anos o instrumentista obtenha um melhor desempenho. Pode-se destacar que a partir desta pesquisa percebe-se que o mesmo acontece na Graduação em Artes.

Ela mencionou que sente falta de uma formação continuada, porque é impossível ser Professora de Música e Arte Educadora sem aperfeiçoar o conhecimento, porque precisamos lidar, nas palavras de Erika: “Com a delícia e a dor da Internet”. Ela complementou que, as vezes a ferramenta que será utilizada em sala de aula já está ultrapassada, porque aquele conteúdo já chegou nas crianças através das plataformas. A dor, porque tudo chega rápido, a delícia, porque as vezes o(a) estudante já viu, mas não fez, é muito diferente ver e fazer, tem que viver.

Finaliza pronunciando que a formação continuada é essencial e deveria ter mais acesso, dado que o(a) Professor(a) poderá passar dificuldades se não se atualizar. Ela emenda destacando que também não adianta ficar sempre na defensiva e tentando resistir ao que é novo, porque a tendência atual sempre irá chegar à sala de aula.

Em certo ponto analisamos que a parceria entre Universidade e Ensino Básico deveria ser mais entrelaçado e forte. Porque, muitas vezes se percebe o(a) estudante universitário(a) no ambiente escolar, realizando Estágio ou Projeto de Extensão, mas raramente percebe-se um(a) Professor(a) participando de alguma formação no espaço da Universidade.

Ela cita que, ainda que a BNCC sugira que as expressões Artísticas sejam desenvolvidas por meio da Arte Integrada, os Educadores e Educadoras não são preparados(as) para trabalhar todas as linguagens. Mas, o documento não se inquieta com essa falha no curso de graduação, por isso a formação continuada deveria vir do Ministério da Educação (MEC).

Ao final da entrevista ela realçou que se a Residência Pedagógica seguisse a proposta inicial e se estruturasse conforme a ideia de Residência Médica, com carga horária obrigatória, ao final do curso, dedicada exclusivamente a prática escolar, seria um salto positivo para a Educação. Porque, é primordial a concepção de ter um(a) Preceptor(a) que acompanha o Residente enquanto está iniciando. No entanto, os Residentes Pedagógicos iriam

receber uma bolsa e/ou salário proporcional? Já que os Residentes do curso de medicina recebem uma bolsa equivalente à atuação.

A segunda entrevista aconteceu com o Professor Samir Antunes da Silva que é graduado em Artes Cênicas Bacharelado, Artes Cênicas Licenciatura e Mestre em Artes Cênicas pela UFOP. Ele ressaltou que iniciou na área da Educação em 2006, trabalhando com Oficinas no Ensino formal de Educação e como Estagiário na área Pedagógica do Museu da Inconfidência localizado em Ouro Preto – MG. Ao se graduar começou a lecionar em Escolas Públicas, mas ressaltou que também é ator e sempre conciliou o tempo de palco com a sala de aula.

Sobre a primeira pergunta, referente a formação em Arte Educação, Samir conta que quando entrou no curso existia apenas duas opções a seguir, a primeira era cursar Bacharelado em Direção¹⁰ ou Licenciatura com viés em Interpretação. Ele destacou que entrou no curso de Artes Cênicas Licenciatura para trabalhar com Teatro, não para lecionar. Resumindo, quando ele cursou Licenciatura a carga horária era quase totalmente voltada para Interpretação, ou seja, aulas práticas para atuar no teatro.

Por conta disso ele menciona que ao chegar à Escola se deparou com uma realidade totalmente nova e desafiante. O Professor destaca que não é possível trabalhar apenas Teatro em sala de aula, principalmente agora que está atuando com Ensino Médio e sente a necessidade, assim como a Escola, de preparar os(as) alunos(as) para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Samir também aponta que a própria estrutura escolar também se volta para o desenvolvimento de conteúdo, em razão de que ele precisa aplicar prova e encerrar cada semestre lançando nota. Ele destacou que no início, logo após a formação, foi o mais difícil, porque ele tentava trabalhar jogos teatrais e desenvolver oficinas, mas começou a perceber que essa didática não funcionaria em todas as aulas, não seria viável trabalhar Teatro com a intensidade em que estava planejando.

O mesmo disse que dialogava muito com um Professor do curso de Artes Cênicas que não possuía formação educacional, ele era um diretor teatral que lecionava Direção e Interpretação. Ele sublinhou que entendia que eram contextos diferentes, mas era onde sentia apoio para buscar novas propostas e ideias.

¹⁰Atualmente a grade curricular do Curso de Artes Cênicas da UFOP passou por alteração. Como Samir cita não existia Artes Cênicas Bacharelado em Interpretação, apenas em Direção. Hoje, o curso de bacharelado oferece a opção de escolha entre Interpretação e Direção. Já o curso de Licenciatura afinou e dedica boa parte da carga horária as disciplinas Educacionais.

O Preceptor relata que a sua “sorte” foi que, paralelo ao curso de Artes Cênicas, ele sempre se interessou por disciplinas teóricas, por isso estudou “História da Arte” no curso de História, estudou “Arte Grega” no curso de Filosofia e demais disciplinas teóricas. Por conta disso, quando ele iniciou o seu trabalho na Escola e percebeu que teria que mudar a estratégia, buscou pela alternativa de se empenhar acerca da Arte através da História, envolvendo e dialogando com temáticas em torno das Artes Visuais e Estética.

Finalizando a pergunta ele responde que o curso não tinha uma formação voltada para a Arte Educação. Ele também diz que Programas como Residência Pedagógica, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Projetos de Extensão na área Educacional não existiam até a data da sua formação.

Mas ele enfatizou que ainda hoje, a disciplina de Arte é experimental, porque o curso possui uma lacuna no preparo do(a) Educador(a) de Arte para a sala de aula. Uma vez que a BNCC salienta que é preciso trabalhar as quatro linguagens, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, mas não oferece suporte, preparação e todo esse conhecimento necessário.

Também menciona que muitos Professores e Professoras universitários não vivenciaram a sala de aula de Escolas Públicas, isso pode acarretar em uma orientação menos eficaz, pois pode acontecer dos jogos sugeridos no ambiente universitário, pelo(a) próprio(a) professor(a), não funcionarem na Educação Básica.

Finalizamos a conversa¹¹ dialogando sobre o avanço da tecnologia e como isso impacta a realidade escolar. Porque, o celular é um objeto inseparável do(a) discente e não podemos ignorar que, na disputa com o aparelho, as aulas deixam ser interessantes. Por exemplo, muitos alunos e alunas alegam esquecer o livro didático de Arte, mas em contratempo, raramente esquecem o celular. Porém, se faz necessário questionar, porque a Escola ainda utiliza livro impresso?

Nas palavras do Educador, ele disse que a Arte na Escola ainda é muito experimental, a formação continuada poderia ser um avanço nesse sentido, porque cada Professor(a) trabalha de um jeito, com uma metodologia e tem uma opinião, por conta disso, se pudéssemos ou tivéssemos a oportunidade de conversar, trocar, conhecer e experimentar práticas lecionadas por diferentes Educadores(as), poderia ser muito proveitoso e um caminho para estimular a criatividade do(a) Arte Educador(a).

¹¹ A Entrevista completa, transcrita na íntegra, encontra-se ao final deste trabalho como anexo 1.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre Educação nunca foi e nunca será um assunto de fácil desenvoltura. Ainda mais, quando se sabe que as mais destacadas autoridades na área já discorreram e escreveram livros, artigos, periódicos, teses e dissertações a respeito da mesma.

Contudo, embora não se trate de fácil tarefa, é válido pontuar que se trata de uma questão necessária, pois embora o mundo esteja em constante mudança e o Brasil tenha alcançado significativos avanços sociais nas últimas décadas, ainda assim, a Educação continua carecendo de debates sérios e significativos através dos quais se torne possível esclarecer o seu importante papel na trajetória do ser humano, bem como um direito assegurado a todos os cidadãos.

Cumprir observar que, falar da Educação é tarefa delicada, mas discorrer a respeito da Arte Educação também é desafiador, pois conforme já destacado, durante várias décadas a Arte atravessou e segue percorrendo diferentes contextos históricos e sociais, repleto de avanços, evoluções, mas também de retrocessos e desvalorização.

Além disso, provou-se historicamente que as Artes, não dizem respeito à ociosidade ou falta do que incluir no currículo Pedagógico das Escolas, mas sim, se trata de uma disciplina comprovadamente capaz de despertar a reflexão, o diálogo, a interação, o sentir, o vivenciar e a evolução do pensamento enquanto cidadão.

Em suma, pode-se dizer que a pesquisa em destaque ventilou a possibilidade de apontar soluções para deficiências contidas na Arte Educação. Demonstrar mediante fatos as grandes contribuições do Programa Residência Pedagógica e como seu auxílio equipa e prepara futuros docentes.

Também provocou o pensar acerca da Formação Continuada, como Educadores e Educadoras descrevem com facilidade nuances e lacunas que precisam ser observadas, medidas e melhoradas em torno do olhar para com o(a) docente. A valorização da Arte Educação são pautas antigas, porém poucas vezes tratadas.

Fica a certeza de que é indispensável a proposta de um curso, uma formação, uma coordenação ou um meio de comunicação voltado ao pilar de apoio e suporte ao Educador(a) de Arte. A política pública precisa ser tratada com responsabilidade, obrigatoriedade e prontidão, uma vez que elas podem impactar positivamente a realidade escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação: conflitos/acertos. 2. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. Ensino da Arte e do Design no Brasil: unidos antes do Modernismo Revista Digital do LAV, vol. 8, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 143-159 Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, Brasil

BERNARDES, Janaína Antônia Ponciano e OLIVÉRIO, Lucia Oliveira. **Uma breve história do ensino de Arte no Brasil**. Educação, Batatais, v. 1, n. 1, Jan./Dez. 2011.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Edital nº 01, de 03 de janeiro de 2020. Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centraisde-conteudo/06012020-edital-1-2020-residencia-pedagogica-pdf>. Acesso em: 07/10/2022.

BR.Gov Ministério da Educação – CAPES: Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap>. Acesso em: 20/09/2022

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BATALHA, Luciana Silva e SANTOS, Tatiana dos. **Educação e Artes**. 2. ed. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S/A., 2019.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O direito de aprender: base do direito à Educação. In: ABMP – Todos pela Educação. Justiça pela qualidade na educação. São Paulo: Saraiva, 2013

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação?** Campinas: Papyrus, 1991.

EDITAL CAPES nº 06/2018 PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica

FARIA, Juliana Batista & PEREIRA, Júlio Emílio Diniz-: Residência Pedagógica: Afinal, o que é isso? Cuiabá v. 28 n. 68 p. 333-356 maio/ago. 2019

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire – 44ª Ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Mônica Cavalcante de. et al. **Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente.** Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4540/5196>. Acesso em: 05/10/2022.

LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971 - Legislação Informatizada - Publicação Original. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15/09/2022

LIMA, Tatiana Polliana Pinto de. et al. **Saberes e Práticas Docentes na Residência Pedagógica da UFRB.** Santa Cruz das Almas, BA. Editora UFRB, 2021

OLIVEIRA, Lindamir C. V; SARAT, Magda. Et al. **Educação Infantil: história e gestão educacional.** Dourados, MS: Editora UFGD, 2009. **PROGRARD. Residência Pedagógica.** Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/servicos/residencia-pedagogica>. Acesso em: 05/10/2022.

PEREIRA, Aparecida de Jesus Soares; Waldir Pereira da Silva. **A importância da residência pedagógica na formação docente dos licenciandos do curso de educação do campo de Arraias - TO: dificuldades, avanços e perspectivas.** Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br>. Acesso em: 07/10/2022.

PESSÔA, Matheus Felipe Marques. **O Lugar do Teatro na Base Nacional Comum Curricular: Relações entre BNCC, ensino de Artes/Teatro e polivalência.** Ouro Preto - MG: UFOP, 2021.

PEREIRA, Junice Maria; CAIXETA, Eunice Aparecida. Arte e Educação: um olhar sobre a importância da disciplina de arte na formação do ser humano e na vida profissional.

Disponível em:

http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/8eraea/relatos_pesquisa/arte_e_educacao_junice_e_eunice.pdf. Acesso em: 10/10/2022.

PIANOWSKI, Fabiane; Goldberg, Luciane Germano. *Artes Visuais: Metodologia e Técnica do Ensino de Artes.* 2. ed. Fortaleza, CE: UECE, 2019.

REPÚBLICA, Presidência da. **Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 13/10/2022.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. A ludicidade na Educação: Uma atitude pedagógica. Curitiba: Ibplex, 2013.

SILVA, Palloma Joyce de Aguiar. Et al. **Importância da Residência Pedagógica para Formação de Professores: Saberes Necessários Para A Prática Docente.**

Disponível em:

<https://cointer.institutoidv.org/inscricao/pdvl/uploadsAnais2020/IMPORT%C3%82NCIA-DA-RESID%C3%8ANCIA-PEDAGOGICA-PARA-FORMA%C3%87%C3%83O-DE-PROFESSORES:-SABERES-NECESS%C3%81RIOS-PARA-A-PR%C3%81TICA-DOCENTE..pdf>. Acesso em: 05/10/2022.

SANTOS, Zenaira. Et al. **Residência Pedagógica e a Formação de Professores(As): Entre a Prescrição e as Experiências.** Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br>. Acesso em: 07/10/2022.

TAMBURUS, Olavo Fernando. **O perfil do professor no século XXI.** Disponível em: https://www.pedagogia.com.br/artigos/o_perfil_do_professor/?pagina=0. Acesso em: 13/10/2022.

VARELA, Noêmia. A formação do arte-educador no Brasil. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org). História da arte-educação – a experiência de Brasília. I Simpósio Internacional de História da Arte-educação – ECA-USP. São Paulo: Max Limonad, 1986.

ANEXO 01

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM A PRECEPTORA E O PRECEPTOR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Aline: Meu tema partiu de uma indagação, porque eu me formei em Pedagogia, por isso eu comecei a me lembrar disso, porque no curso Pedagogia eu fiz PIBID e é um Programa que também oferece muito amparo, você faz planejamento de aula junto com o orientador, também faz planejamento junto com os colegas, tem as reuniões, os encontros, muito parecido com a Residência Pedagógica.

Quando eu fui dar aula, de verdade, como professora, eu me senti muito perdida. E agora... Com quem eu converso? Com quem eu falo as coisas e tudo mais? E eu também fiquei com essa questão no Programa Residência Pedagógica.

Conversando com a minha turma, conversando com Professores, ao final batemos muito na tecla de que quando vamos para a sala de aula, será que é um sentimento de algumas pessoas, um sentimento individual... Ou será que realmente acontece um desamparo? Principalmente com a gente que trabalha com Arte na Escola. Temos, de fato, esse apoio no planejamento? Nas atividades? Tem com quem trocar? A Escola topa os nossos projetos? A Arte é vista como importante na sala de aula? Pelos os professores, pelos alunos... Por isso, eu estou primeiramente pesquisando isso. Como nós, professores de Arte, nos sentimos depois de sair da graduação e ir para a Escola, como é esse sentimento de pertencimento?

Os nossos projetos são apoiados ou não? A Residência Pedagógica seria um bom modelo de formação continuada?

Porque, na Residência Pedagógica também temos diálogo, conversas, temos com quem conversar sobre o que funcionou e o que não funcionou no processo, tem troca de textos, vídeos, a gente conversa muito. Eu fiquei pensando como seria se a gente também tivesse esse amparo depois da graduação, não só durante a graduação, mas como um Projeto de formação continuada, pelo menos ali nos primeiros anos de atuação. Como seria se a gente tivesse, quando começasse a prática (de fato), uma formação continuada?

Temos algumas perguntinhas...

- Como você enxerga a sua formação, na graduação, como Arte Educador(a)?
- Você participou de algum Programa ou Projeto de Arte Educação na sua trajetória acadêmica?
- Você acha que a sua formação te preparou o suficiente para adentrar a sala de aula e reger os conteúdos de Arte?

- Qual a sua opinião sobre o Programa Residência Pedagógica, tanto para os(as) alunos(as) bolsistas como para os Professores/Preceptores? Você sente falta de uma formação continuada com o propósito de aprimoramento do seu “Eu” Artístico Pedagógico?
- Se sim, como você imagina que essa formação poderia acontecer?
- Mas antes de tudo, me conta um pouco sobre você e sua formação.

Eu sei que você é formada em Música na UFOP, mas você tem mestrado também? Desculpe, eu não me lembro.

Erika: Eu sou formada em Música e Pedagogia e eu tenho Pós-graduação em Psicopedagogia e uma que não tem muito a ver com a área da Educação que é Gestão Pública, eu fiz essa pós-graduação, porque naquele momento eu estava trabalhando na Gestão Pública. Mas eu acho que fazer uma Pós em Gestão nos ajuda muito também, nessa questão do planejamento. Porque, o planejamento em Educação é conteúdista também, e o planejamento das suas ações na Gestão são mais amplos, no sentido de que você planeja ações, não tem tanto conteúdo, é mais um planejamento de ação. Por isso ele me ajuda na minha própria vida, nos meus planejamentos. Então, eu não fiz pós-graduação em Música, embora eu tenha feito muitos cursos, mas não tem esse título.

Aline: Na Residência Pedagógica você ainda estava cursando Pedagogia? Porque eu me lembro de que você citava autores e textos com uma memória tão boa, por isso eu achava que você ainda estava cursando.

Erika: Não, eu já tinha me graduado. Mas na época eu estava nessa energia. Agora se você me perguntar eu não vou saber tanto... A não ser os pensadores que são referência mesmo... Tipo, *Vigotski*, a gente não esquece nem Piaget, nem Vigotski, nem Paulo Freire, a gente fica marcado por esses pensadores. Mas eu já não tenho mais os textos frescos na minha cabeça... E no final das contas, mesmo assim, eu acho que a gente sabe bem pouco.

Aline: Verdade. Tem um ditado que diz: “A gente aprende, aprende e morre burro”.

Erika: Mas eu tenho dito e repito isso muito nas minhas falas... Porque eu sinto uma desvalorização, porque quem faz Pedagogia irá trabalhar da Educação Infantil até o 5º Ano do Ensino Fundamental, mas infelizmente, é a classe mais desvalorizada do magistério. Eu ganho

mais quando estou dando aula de 5º ou 9º ano, ganho mais no ensino médio, e menos na educação infantil e no 1º ao 5º ano. Eu acho isso uma crueldade. Eu comecei minha carreira na educação infantil, sempre como professora de música. Eu nunca trabalhei com ensino médio, mas já trabalhei até o 9º ano e no superior também.

Eu também dei aula na UFOP, como professora substituta. No curso de Artes Cênicas. Aula de Expressão Vocal e Som e Ritmo. Inclusive, tem disciplina eletiva que eu criei, porque quando teve a reformulação do curso eu estava como Professora. Eu criei uma disciplina eletiva que se chama Canto para o Ator.

Aline: São disciplinas que ainda estão lá.

Erika: Toda a estrutura daquela disciplina (Canto para o Ator) eu criei, foi uma experiência que me enriqueceu muito.

E eu digo... Na medida em que você avança nos anos, você precisa ter mais conteúdo, o conteúdo é mais complexo. Por exemplo: Eu gosto de usar a matemática, porque é uma ciência exata. Primeiro você vai aprender conjunto lá na educação infantil, as noções de conjuntos, as noções de quantidade, as noções de número. Conforme vai avançando você trata subtração e adição, ou seja, ainda continua operações mais simples, mas depois você começa a colocar letras, frações e etc... Por isso, o conteúdo vai se aprofundando, porém, a linguagem, a maneira como você atinge o seu aluno vai ficando mais fácil, porque a pessoa já está amadurecendo. Então, o trabalho mais intenso é o da Educação Infantil, é o que eu acho mais difícil, é o que eu tenho mais carinho, é o que eu mais fiz, mas reconheço que é trabalhoso, porque você precisa se reinventar o tempo todo.

Aline: Eu concordo. E acho que isso não faz sentido, porque se não tem uma boa base, não terá um bom ensino médio e muito menos uma boa estrutura para a Universidade.

Érica: Exatamente, Piaget fala disso, Vygotsky também fala disso... Você precisa ter maturidade física e biológica e psicológica para avançar.

Eu vejo, por exemplo, eu sou mãe... Meu filho hoje está no ensino médio. E veja bem, os pais hoje em dia não estão conseguindo ficar tão próximos dos filhos a ponto de fazê-los desenvolver atividades psicomotoras, em casa não temos tempo para focar nessas coisas, meu filho tem dificuldade com tesoura, até hoje ele pega estranho na tesoura... Infelizmente eu fui mãe ausente, porque eu trabalhava muito quando ele estava pequenininho, por isso na escola

tem que aprender amassar bolinha e mexer com a tesoura, isso impacta na vida, na escrita... E isso é desvalorizado.

Também tem uma ansiedade muito grande por aprender a ler, mas é preciso calma... Vamos aprender a pular de um pé só? Porque, o corpo é um todo, tudo importa, desde o seu pé até os seus braços tudo é importante de ser trabalhado. Mas isso é desvalorizado, mas isso é um conjunto na nossa sociedade, um modo de pensar.

Aline: Sim, eu via isso quando trabalhei com uma turma de três anos. Os meus alunos sabiam escrever o nome completo, mas não reconheciam o próprio sapato, não tinham autonomia, tudo me chamavam para ajudar ou fazer. E era uma pressão pela escrita, principalmente por parte da família, não aceitavam letra espelhada... Era delicado.

Erika: Processo tão comum, tão natural. E pós-pandemia está ainda mais delicado, muitas dificuldades... Tenho relatos dos meus colegas que os alunos não sabem pegar um lápis no chão, estão atrasados nesse sentido, não sabem o que fazer quando algo cai no chão, justamente por não ter o movimento de pinça. Em casa a gente não ajuda o menino a desenvolver... A gente faz por ele, não temos essa paciência que aprendemos com Pedagogia. Não estamos ali para fazer por ele, mas para auxiliar, para que ele possa aprender o caminho, permitir que ele experimente.

Eu também tinha pavor de boca lambuzada de comida, eu limpava o tempo todo, até entender, entendi porque precisava aplicar em sala de aula, que não estamos ali para fazer pela criança, tampouco para entregar a solução pronta (eu falo isso em casa e na escola, tá?).

Mas agora, nós estamos falando de Arte, né?! Ela pode solucionar essas questões que levantei. Mas voltando ao que você perguntou... Você me perguntou se Arte é bem vista, e eu respondo que a Arte é bem vista, mas ela é tratada como menos importante. Eu sinto isso.

Aline: Eu lembro que na Preceptoría do Giovany, nós não pudemos lecionar em várias aulas, porque estavam aplicando prova do Governo e ele disse que isso era normal, sempre nas aulas de Arte que as provas eram aplicadas.

Érica: Sempre sobra para as aulas que trabalham o corpo e a mente em outra perspectiva, porque não são vistas como prioridade. Sobra para a Arte, para a Educação Física. E a Arte é tida como um pêndulo, como um superfalo, mas isso é visto pela sociedade e a Escola não está distante da sociedade. A própria sociedade enxerga a Arte como um pêndulo, a política

social nos vê como entretenimento (somente) e a gente sabe que a Arte não é entretenimento (somente) e eu vejo na minha prática que quanto menor o aluno, mas chances você tem de quebrar esse paradigma, mas na grade curricular a gente perde aula para o inglês, porque já aconteceu comigo, eu tinha duas aulas de Artes na semana, mas eu perdi um dia da semana para disciplina de inglês, passou a ter uma aula de Arte para ter três aulas de Inglês na semana.

Na escola nós somos vistos como aquele que promove. Promove a Escola com as apresentações bonitas, promove a escola na festa junina. Eu não detesto a Festa Junina, muito pelo contrário, eu acho que a festa junina tem um poder de mobilização muito grande, é a atividade escolar que mais mobiliza a escola, ela mobiliza mais do que a feira de ciências, a família participa muito, e, além disso, é uma coisa que vem da nossa tradição cultural, por isso não pode ser desprezado, é uma cultura que vem de fora para dentro do ambiente escolar e deve ser valorizada, já virou cultura e tradição.

No entanto, a gente tem um papel na escola de mostrar resultado e esquecer o processo, o pai quer ver o resultado, mas o processo é tão importante. Aquela vivência, aquela coisa de a gente está fazendo uma música que as vezes não vai dar em nada, mas esta experimentando, esta ali experimentando som, é o processo... Se eu estou fazendo um jogo teatral àquilo marca a gente. Não estou dizendo que não é importante ter um produto final, trabalhamos com a Arte e sempre vai ter, mas é preciso valorizar o processo.

E aí você pergunta: “Com quem eu vou discutir isso?” Aí vem o problema, porque tudo depende do coordenador pedagógico, tudo depende da linha daquela escola que você trabalha. A minha experiência me mostra que trabalhar no Ensino Privado é muito diferente de trabalhar no Ensino Público. No ensino privado a gente é mais cobrada no ponto de vista dos resultados. Na escola pública também te cobram por Amostra de Projeto, querem que os meninos enfeitem a escola com seus trabalhos de Arte, mas nós somos mais livres no processo do que na escola particular. Mas, precisa pensar que na escola particular a gente é mais cobrada, mas também é mais amparada, mas tudo depende do profissional, da equipe, da linha que a escola trabalha.

É difícil discutir planejamento com a Pedagoga na disciplina de Arte. Porque, o supervisor geralmente não entende de Arte (na maioria, não posso generalizar), porque temos conceitos na nossa Arte que o supervisor pedagógico não domina, não por culpa dele, mas por culpa da formação, a formação é pequena.

Coordenador Pedagógico é um Pedagogo, por exemplo, no meu curso de Pedagogia eu vi muito sobre língua portuguesa, eu vi muito sobre alfabetização e letramento, importância do

lúdico e do brincar... Eu acho que a Arte vai entrando no lúdico e brincar. Eu lembro que durante uma das nossas reuniões, teve uma aluna que questionou qual era o nosso papel de verdade, porque tudo a gente fala que é lúdico. E eu respondi: “Que bom que tudo é lúdico na educação infantil”, porque na infância tem que priorizar o lúdico.

Aline: É na infância que precisa priorizar, porque depois vai se perdendo mais e mais.

Erika: Mas, por um lado eu entendo o questionamento dela, porque a gente não pode perder de vista a importância real do nosso trabalho... Que é a formação humana, formação do pensamento, aprender a ser crítico e um ser pensante. Na Arte você aprende a ser crítico, ter um olhar para as coisas de uma maneira mais sensível.

Aline: Na minha aula de Estágio estávamos conversando e pontuando... E pontuando... E eu perguntei: “Tá gente, mas desde 2013 (foi quando eu entrei na Universidade) que a gente pontua essas mesmas coisas, mas e aí? A gente faz o quê?” E meu professor disse: “Eu cheguei à conclusão de que a gente faz o micro, a gente faz o que a gente dá conta, é uma sementinha que planta, é um detalhe, é um abraço, é um ouvido... Porque se formos focar em fazer tudo, vamos adoecer e não sair do lugar”. Isso me deu um alívio, porque eu tenho uma loja, então eu tenho isso de empreender em mim, eu estudo muito vendas, eu estudo muito empreendedorismo, por isso a minha vida é baseada em solucionar problemas, os problemas que aparecem precisam ter solução, isso entra em conflito comigo mesma na área da Educação, porque não é tudo que tem solução e isso me desespera.

Erika: Mas aprenda a não se desesperar, o que eu tenho dito é: “Seja a melhor professora que você puder ser naquele grupo, naquele ano, visto que estamos lidando com formação humana e formação do pensamento”.

Porque, as vezes você será incompreendida pelo gestor e supervisor da escola, as vezes pode acontecer de “bater de frente” com os demais profissionais da escola, é um local com hierarquia... Em alguns locais se constrói uma relação de parceria (e deveria ser sempre), mas as vezes não é. Vai ter escola que você vai encontrar um ótimo coordenador pedagógico, que vai ter a humildade de saber que ele não domina a sua área, porque o coordenador pedagógico ele domina quase tudo da pedagogia, mas as vezes não domina a área de Arte.

Também temos que pensar que a Arte na educação pública começa no 6º Ano. Escolas públicas são poucas... Em Itabirito tem Artes, mas não é obrigatório. No Fundamental I não

tem Artes aqui em Ouro Preto. Um dia eu fui dar uma formação de professoras e elas ficaram encantadas, porque elas não têm essa oportunidade.

Aline: Agora que você disse estou me lembrando de que o meu estágio na escola pública é no fundamental II e na escola privada ela me perguntou se eu queria fazer no infantil, fundamental I ou II. Por isso na escola pública não me perguntaram, só informaram que eu teria que acompanhar o fundamental II.

Erika: 95% da minha vida como professora foi em escola privada, porque eu trabalho com Música na infância... Que só é dada como artigo de luxo, é um diferencial para captar clientes. Então... A gente luta na medida do que a gente pode.

Por isso, seria muito interessante se a Universidade pudesse proporcionar um Projeto voltado para a formação continuada. Enquanto gestora eu não sei como isso pode ser feito, uma vez que você não está mais ligado a ela, a Residência pedagógica e o PIBID são excelentes oportunidades, porque pega esses profissionais que estão na ativa e mistura com quem ainda está estudando. Para professores em atuação o Residente Pedagógica e PIBID acabam sendo uma formação continuada. Para mim enquanto Preceptora foi uma experiência de muito enriquecimento, porque foi com as leituras recomendadas pelos Orientadores que eu conheci novos autores, nas reuniões conheci propostas e ideias que estavam fora do meu ambiente.

Porque dentro da Escola não dá tempo, como a gente ganha pouco, a gente trabalha muito, a gente tem muito trabalho pra casa, a gente tem pouco tempo para raciocinar, pouco tempo para leituras densas (como fizemos), pra mim foi uma oportunidade de formação. É importante a gente ter esses fóruns de discussão, porque até no campo do trabalho a discussão teórica fica de lado. A gente foca muito na prática, a gente tem que fazer o que é urgência.

Agora que eu estou doente eu percebo isso... A vida passa tão depressa, a gente não tem aquele tempo para sentir o dia a dia.

Por conta disso, eu agradeço a Paulo Freire, porque o embasamento teórico dele é muito bom... Ele traz uma leitura teórica muito leve, que te deixa com vontade de ler como se estivesse lendo literatura. Eu fico indignada com essas pessoas que nunca leram Paulo Freire e ficam criticando, porque Paulo Freire é uma leitura de amor. Então a gente pega essa teoria, essa teoria do amor, e tenta ser a melhor professora que puder em sala de aula, a melhor que a gente consegue ser.

A palavra “aluno” tem uma etimologia ruim, que é “sem luz”. Mas eu não acredito que aquelas pessoas sejam sem luz, ninguém nasce sem luz, mas para facilitar o nosso diálogo...

Alguns alunos serão solo árido e outros solos férteis, a bíblia fala que não adianta você jogar semente em solo árido, mas eu discordo, adianta! Porque, se você tem um aluno que é pedregulho, mas de repente cai um pouco de terra, um pouquinho de formação, cai um pouquinho de afeto, aquele terreno vai se transformando, talvez a sementinha não morra lá dentro e se torne floresta.

Aline: Talvez não seja na hora, não é?! Mas de repente a ficha cai e está lá.

Erika: Eu tenho um exemplo concreto. Eu fui aluna do Guilherme Polielo e ele sempre gostou muito de poesia concreta. Quando eu ainda trabalhava no CEOP eu estava na Graduação e aprendia muito com o Guilherme. Com isso, eu resolvi fazer um trabalho com os alunos do 5º ano sobre poesia concreta. Nós trabalhávamos poesia concreta e Guimarães Rosa... E fazíamos poesia usando a musicalidade, trabalhando as sílabas nesse Projeto.

Esse terreno era um terreno árido, não era o terreno fértil, porque as crianças estavam com 10 anos de idade, as crianças achavam aquilo muito estranho, faziam... Eu fui capaz de instiga-los, embora todos achassem muito estranho. Acho que eles pensavam que aquilo não era nem música, porque estávamos tratando poesia concreta e instrumentos musicais.

Após muitos e muitos anos, uma aluna foi cursar letras e depois poesia concreta, e ela me citou no TCC, eu me emociono ao falar dessa história, porque ela me agradece, ela me encontrou nas redes sociais e enviou uma mensagem de agradecimento, porque o primeiro contato dela com poesia concreta foram através das minhas aulas. Ela disse: “Érica, eu quero te agradecer, porque aquela experiência que você me proporcionou foi o meu primeiro contato e foi aquela experiência que mudou minha vida”. Por isso eu falo; não se preocupe com o solo, se é fértil ou árido, plante sua semente. A vida é em longo prazo, não dá pra ser imediatista.

Aline: Falando nisso... Você participou de algum programa ou projeto durante a sua graduação? Você acha que a sua formação te preparou o suficiente para adentrar a sala de aula e reger os conteúdos de Arte?

Erika: Eu sou da primeira turma de Música. Quando começamos era tudo muito novo, nós entramos na Universidade em uma situação de muito desprezo, porque a gente não tinha prédio e ficava emprestado na Escola de Minas. Era uma confusão, reclamavam dos instrumentos, reclamavam do barulho. Todos os nossos professores eram muito competentes,

mas ainda estavam verdes, estavam aprendendo, todos aprendendo a ser Universidade. Todos com bagagem musical muito grande, mas tínhamos uma Professora/Doutora convidada que ajudou a montar a grade do curso e três professores. Nem sabíamos como implantar projeto de pesquisa e essas coisas.

Por exemplo, eu não fiz Estágio Supervisionado, porque eu já trabalhava na área, era Professora de Música na Educação, conseqüentemente eu eliminei a carga horária de Estágio Obrigatório, porque na época eu era a única que trabalhava com Música na Educação, era no CEOP.

Eu tive a oportunidade de trabalhar com Professores que tinham estúdio de gravação em Belo Horizonte, mas nenhuma experiência na sala de aula. Não tinha PIBID, não tinha Residência, tinha alguns Projetos de Extensão, mas não tinham força, não tínhamos bolsas, nem sequer bolsa permanência. Eu fiz minha graduação toda trabalhando, período muito difícil da vida. Esse único Projeto de Extensão que eu citei era sobre material escrito, era de revisão bibliográfica, eu tive pouca oportunidade de vivenciar uma sala de aula, mas o curso mudou muito com a reformulação.

O curso me preparou 50% sim, 50% não. Porque essa também é a sensação das pessoas que ainda estão no curso. Tudo também tem a ver com nossa maturidade, sabe? A gente chega jovem e sai jovem da graduação, a gente sai com essa necessidade de amparo e apoio. Deveria existir um fórum continuado, algo que nos apoie... Onde encontramos esse apoio? A gente sai com esse afán. Nunca existiu (pra mim) um fórum de apoio e isso foi se corrigir com o tempo, com o exercício da prática.

Eu vou citar as Exatas, mais uma vez... Por exemplo, Engenharia. Se você entrar no curso de engenharia, mas não souber desenhar e nunca ter feito nenhum curso técnico... Você consegue aprender sobre isso na Universidade, aprende a dureza dos materiais (exemplo tá?!), aprende através da teoria o que pode aplicar e fazer na prática, onde pode usar cimento, onde pode usar pedra. Mas, quando se trata de Música, cinco anos de graduação não atendem, porque não forma a pessoa em instrumentista, no curso de Música é preciso ter uma bagagem. Um músico que faz performance precisa estudar pelo menos 10 anos. Se for ser um violinista precisa começar com sete anos, caso contrário não vai dá tempo.

Mas nem sempre o melhor músico será o melhor professor, porque existem várias caixinhas, é muito diverso.

Esse paradoxo existe dentro do curso de música, cinco anos não é suficiente. Temos essa “desvantagem”. (entre aspas), desvantagem porque precisa de conhecimento prévio. Na Arte vamos aprender principalmente praticando, não existe resultado pronto. Por isso, não somos

preparados efetivamente para dominar as linguagens artísticas, porque o tempo não é suficiente.

Aline: E pra fechar... Qual a sua opinião sobre o Programa Residência Pedagógica, tanto para os alunos bolsistas como para os Professores/Preceptores? Você sente falta de uma formação continuada com o propósito de aprimoramento do seu “Eu” Artístico Pedagógico? Se sim, como você imagina que essa formação poderia acontecer?

Erika: Eu sinto falta! É impossível ser Arte Educadora sem aperfeiçoar o conhecimento, sem se reciclar, porque precisamos lidar, “Com a delícia e a dor da Internet”. As vezes a ferramenta que será utilizada em sala de aula já está ultrapassada, porque aquele conteúdo já chegou na criança através das plataformas digitais. A dor, porque tudo chega rápido, a delícia, porque as vezes o menino já viu, mas não fez, é muito diferente de ver e fazer, tem que viver. Por isso, se você não se atualizar, não for criativo, buscar novas ferramentas e estratégias... Você vai passar dificuldade.

E não adianta criticar tudo, eu tenho 50 anos, eu tenho resistências, mas preciso me forçar a querer ver e entender. Por exemplo, não adianta eu criticar o funk e não tentar quebrar o meu preconceito e entrar na realidade do aluno, olhar com outros olhos, buscar pela raiz.

De que forma? Pergunta difícil de responder, você pode buscar isso de forma individualizada... Cursos, ferramentas digitais, é possível fazer curso online e ser de qualidade, não substitui os presenciais, ainda mais na nossa área que é de troca, energia de troca, prática de troca. Mas, eu sempre falei que o melhor lugar do mundo para você estar é a Universidade. Eu repito: A formação continuada é essencial e deveria ter mais acesso, dado que o professor poderá passar dificuldades se não se atualizar.

Aline: você disse e eu concordo, deveria ter uma parceria maior, porque muitas vezes vemos o universitário dentro da Escola, mas não estamos vendo o professor do ensino básico dentro da Universidade.

Erika: Exatamente. Por isso temos que lutar pela Extensão, lutar para que atenda a comunidade, ser mais bem aproveitada. Se as extensões, os departamentos conseguissem oferecer formação, troca de formação entre professores da rede, poderia ser mais explorado.

Aline: No meu estágio a professora é formada em Artes Visuais; quando eu cheguei ela disse: “Ainda bem que você apareceu, porque eu tenho que desenvolver Artes Cênicas, até comprei um livro de expressão corporal, mas não estou entendendo nada”.

Erika: Essa é outra dificuldade da nossa área. Ainda que a BNCC sugira que as expressões Artísticas sejam desenvolvidas por meio da Arte Integrada, nós não estamos preparados para trabalhar todas as linguagens. O documento não se inquieta com essa falha no curso de graduação, por isso a formação continuada deveria vir do Ministério, justamente pra corrigir, tapar esse buraco, essa falha. Precisa ter apelo: “Gente, vem fazer uma disciplina isolada, gente vem fazer um Projeto”.

E a vida vai te tomando, a escola é um ambiente muito determinante na sua vida, porque ela te toma muito tempo. Quem escolhe ser professor, escolhe abrir mão de uma parte da vida, porque a escola cobra quase todo o seu tempo.

Se o Ministério da Educação junto com as Universidades tivessem mais formação. Vivemos em uma cidade que tem uma Universidade grande e importante, será que não dava para fazer um curso e divulgar nas escolas? Um curso de formação para trocar ideias.

Quando eu pensei em fazer mestrado, eu queria fazer em Formação Continuada para a área da voz, porque o professor de música sofre com isso e não tem informação sobre. Dentro dos cursos de licenciatura não tem uma disciplina que fale de expressão vocal para o professor, saúde vocal e técnica vocal do professor, por isso tem professor com a voz rouca. E falo mais... Isso deveria ser depois do tempo de graduação, mas parece inviável.

Aline: Sabe que com a minha Pesquisa eu descobri que o Residência Pedagógica seria ao final da Graduação? Assim como o Residência Médica, seriam 800 horas obrigatórias. Mas, isso envolve várias questões, né?! Como remuneração, porque o Residente do curso de Medicina tem amparo, auxílio e dignidade para trabalhar somente como Residente. Nós, temos que conciliar trabalho e Universidade pra sobreviver.

Erika: Mas iria receber 300 reais de bolsa ou seria parecido com auxílio dos médicos? Porque eu vejo que é necessário. Se a Residência Pedagógica seguisse a proposta inicial e se estruturasse conforme essa ideia, com carga horária obrigatória ao final do curso, dedicada exclusivamente a prática escolar, seria um salto positivo para a Educação. Porque, é primordial a oportunidade de ter um Preceptor que te acompanha. Porque eu te falei e falo de novo: Caiu no sistema? Acabou sua vida de pensadora. Essa história do Preceptor é linda,

uma pessoa mais experiente que vai te acolher enquanto você é jovem, a pessoa que te oferece segurança para aprender, que fala: “calma, você vai aprender” ou não... Porque tem gente que não se adapta. Eu tenho uma amiga que traumatizou e nunca mais pisou na escola.

Eu sou de uma família de professores e uma tia sempre falava: “Não faz magistério não!” e ela colocou isso na minha cabeça, eu lutei contra, mas hoje quando eu pego a minha carteira de trabalho, (eu fiz outros trabalhos, tive outros empregos) mas quase todos os meus registros são na Educação, professora ou monitora, eu não me arrependo, mas outras áreas te valorizam mais, te remuneram mais e te cobram menos tempo da vida.

A gente merecia trabalhar só um horário, difícil porque o dinheiro é pouco, mas se você trabalhasse só um horário, você teria tempo para planejar, para se envolver, seria mais justo para nós e para os nossos alunos, porque eles teriam uma qualidade melhor do nosso desempenho.

Eu não sei se tem gente que concorda comigo ou não, mas eu particularmente sou abismada com essa história de ter mudado a carga horário de 180 para 200 horas, porque esses 20 dias é só para tirar a criança de dentro de casa, porque o finalzinho do ano é uma peleja, porque os meninos não estão tolerando mais, duas semanas em julho e duas semanas em dezembro, perca de tempo, poderia estar dentro da escola, mas com atividades mais leves, porque aumentaram os dias letivos e aumentaram as cobranças, provas e etc. Não foi um aumento com qualidade de tempo, isso é minha opinião particular.

Tudo na criança é dirigido, a brincadeira é dirigida, ela não tem um tempo para ela, brinca livremente só no recreio.

Com os anos de prática na escola você vai entender o que funciona mais e o que funciona menos, precisa testar, porque também é de acordo com o seu desempenho, as vezes você tem uma forma de lidar que outras pessoas não conseguem, mas tudo é importante, tudo tem o seu tempo, são muitas variáveis... Quando o tempo está frio os meninos reagem de um jeito, calor de outra.

Eu tenho um sobrinho de três anos, minha irmã mora em uma cidade que é extremamente quente, veio essa frente fria estranha e o menino acordou e disse que não iria para a aula (três anos) isso se tornou uma confusão, ela ficou nervosa. Eu falei com ela: “Lu, quantos graus está fazendo aí?” E estava fazendo 14° graus, eu disse para ela: “Ele quer deitar, deixa ele... Tem somente três anos, o deixa dormir hoje”.

Aline: Erika, Sinto que terminamos, irei encerrar a gravação pra gente conversar.

Aline: Oi Samir, vou te contar um pouco sobre o meu tema e contextualizar as perguntas. Surgiu de algumas inquietações, porque no Residência Pedagógica a gente tem muito apoio para criar nossos planejamentos, a gente aplica e tem com quem conversar. Lembro-me que quando eu fui trabalhar na área da educação eu senti muita falta disso, de ter com quem trocar, contar meus pensamentos, pedir opinião, ter uma troca. Por isso meu TCC está partindo disso... Talvez a Residência como um modelo de formação continuada, não que não seria mais concomitante, mas talvez continuasse um pouco mais, depois que a gente se formasse, pelo menos as reuniões de troca, para integrar não somente os estudantes dentro das escolas, mas os professores dentro da Universidade. Eu noto uma rede de apoio grande enquanto estamos na Universidade, mas depois disso se perde e gostaria de entender como Professores lidam com essa situação. Tem algumas perguntinhas... Primeiro eu só preciso me lembrar a sua formação.

Samir: Eu me formei em Artes Cênicas Licenciatura e Artes Cênicas em Interpretação Teatral e fiz o Mestrado nas Artes Cênicas também (terminei em 2018). Eu trabalho na área da Educação desde que me formei, mas eu dividia o tempo, porque também trabalho com Teatro, agora que estou um pouco afastado, mas sempre conciliei. Comecei na Educação em 2006, trabalhando com Oficinas no Ensino formal de Educação e como Estagiário na área Pedagógica do Museu da Inconfidência. Depois disso comecei a lecionar em Escolas Públicas, eu mais trabalhei do que não, mas teve ano que fiquei somente no Teatro. Hoje, faz um tempo que sou efetivo no Dom Pedro, final de 2018.

Aline: Perfeito Samir, tem uma perguntinha que é: Como você enxerga a sua formação na graduação como Arte Educador?

Samir: Eu tenho duas questões, primeiro que eu não tinha muitos planos de estar na área da Educação. Quando entrei no curso existiam apenas duas opções a seguir, a primeira era cursar Bacharelado em Direção ou Licenciatura com viés em Interpretação. Entrei para trabalhar com o teatro. Na época, a licenciatura não estava bem estruturada, a Neide ainda não estava no curso, ela era do departamento de Educação. O pessoal fazia licenciatura, porque era um curso quase de Interpretação, as pessoas faziam o curso de licenciatura, porque não queriam direção. Com a entrada da Neide que o curso começou a se estruturar, mas quando ela entrou, eu já estava avançado no processo. Hoje em dia tem muito mais disciplinas de licenciatura, acredito ser mais voltado para a licenciatura do que na minha época, porque eu fiz só prática

até o quarto período, nada de licenciatura. A partir do quinto período entrava licenciatura, mas permaneciam as práticas.

Aline: Eu percebi que as crianças aprendem muito mais quando estão brincando ou se expressando artisticamente. Por isso eu decidi fazer o curso de Artes. Mas eu também não imaginava que seria tanta prática, eu queria aprender a lecionar artisticamente, lidar com a criança de forma artística, sabe? E não ser atriz. Caminho inverso ao seu. Foi desafiador para mim, porque eu não imaginava que o curso seria metade/metade, teve uma quebra muito grande entre a teoria e prática. Mas eu tive uma complicação que foi a pandemia, porque muitas disciplinas de Educação foram online. Pensei muitas vezes em desistir, porque passei metade do curso ensaiando cenas e não sabia como propor isso para os alunos. Agora eu estou mais calma, esta fazendo mais sentido, principalmente com o estágio.

Samir: As mudanças foram caminhando de acordo com as turmas, mas no geral a gente acabou se graduando muito sem essa experiência (da licenciatura). Eu fiquei muito tempo no Mambembe e trabalhávamos muito com oficinas, usávamos para carga horária de estágio, só que as oficinas que eu fazia, eram somente teatrais, tudo voltado para o teatro. E quando a gente chega à Escola a realidade é outra. Eu me deparei com uma realidade totalmente nova e desafiante. Porque, não é possível trabalhar apenas Teatro em sala de aula, principalmente agora que eu estou atuando no Ensino Médio e sinto a necessidade, a Escola também, de preparar os alunos para ENEM.

E eles ainda estão presos a uma estrutura educacional de sala de aula mesmo, que se volta para o desenvolvimento de conteúdo, de entender uma explicação, eu tenho que dar prova. Eu não imaginava que quando eu me graduasse eu iria para a sala de aula e caminharia nesse sentido, tanto que o meu início foi penoso, porque eu tentava trabalhar jogos teatrais e desenvolver oficinas, mas eu fui vendo que essa didática não funcionaria em todas as aulas, não seria viável trabalhar Teatro com a intensidade em que eu estava planejando. Se eu faço o mesmo exercício duas vezes, os meninos já questionam que estou repetindo. Assim... Eles mesmos não estão preparados, é complicado.

A minha sorte foi que, paralelo ao curso de Artes Cênicas, eu sempre me interessei por História da Arte, por exemplo, eu fiz a disciplina “História da Arte” no ICHS, eu fui estudando algumas coisas voltadas para a Arte, no curso de Filosofia eu fiz algumas disciplinas, estudei “Arte Grega”. Então, quando eu entrei para a escola e percebi que teria que mudar a estratégia (eu não conseguiria trabalhar só com teatro) eu busquei essa

alternativa da História da Arte, trabalhar, explicar, ver a história através da Arte, falando em torno das Artes Visuais e etc.

Voltando na sua pergunta inicial, o curso não dá essa bagagem, na minha época pelo menos não dava, a minha formação não era uma formação de Arte Educação, era uma formação educacional para lecionar teatro. E aí, você chega na escola e a própria BNCC frisa que você tem que trabalhar Teatro, Dança, Música e Artes Visuais, mas não temos uma preparação para isso, o curso não me preparou para isso.

E não tinha Programas como Residência Pedagógica, PIBID e Projetos de Extensão. Quem fazia estágio tinha que ir atrás das escolas, nada voltado para a área educacional, assim como PIBID e Residência.

Aline: Com a minha Pesquisa eu descobri que o Residência Pedagógica seria igual ao Programa de Residência Médica, seriam 800 horas obrigatórias. Como se fosse graduação por 8 semestres e depois obrigatoriamente ser residente. Mas, isso envolve várias questões, não é? Como remuneração, porque o residente do curso de Medicina tem salário, auxílio, dignidade para trabalhar somente como residente. Nós, temos que conciliar trabalho e Universidade para sobreviver. Em partes é interessante ou você não acha?

Samir: Mas não sei como ficaria isso, porque já tem o estágio. Ou seria um ou o outro?

Aline: Pelo o que entendi permaneceriam os dois. Faria o estágio e depois a Residência. Eu sei que hoje, no curso, muitas disciplinas práticas se tornaram eletivas e aumentaram a carga horária de estágio na escola, não sei exatamente como esta, mas sei que mudou muito. Mas é isso que conversamos... O processo não nos prepara totalmente para a Arte Educação.

Acabamos respondendo essa pergunta indiretamente: Você acha que sua formação te preparou o suficiente para adentrar a sala de aula? E reger as aulas de Arte? Acho que quase nenhuma graduação em licenciatura prepara 100%, né?!

Samir: Por exemplo, História é mais pragmático, porque você tem o livro didático e consegue seguir, eu me vejo tendo que inventar as minhas aulas, criá-las. O livro de Artes é muito ruim, não contempla o que precisa ser ensinado, muito raso, os meninos no geral não levam o livro e ficam perdidos. Como eu trabalho pouco texto, eu passo dois textos no bimestre, então eu mesmo passo e eles copiam. Bom que uso para dar nota no caderno. No bimestre que eu tenho dez aulas, dois dias eu passo texto.

Aline: Eu estou fazendo estágio e a professora foi muito sincera, ela perguntou em que área eu estou me formando e disse que ajudaria muito, porque ela é formada em Artes Visuais, mas precisa trabalhar Artes Ciências com os alunos, disse que comprou um livro de jogos teatrais, mas que esta perdida, desde então estamos com essa troca, intercalando nossos conhecimentos e esta sendo muito legal. E com tudo isso eu pensei: “Realmente a gente se sente muita sozinha”.

Samir: É, e dificilmente terá dois professores de Arte em uma escola, isso não acontece, então acaba que você não tem com quem trocar nem ali dentro.

Aline: Samir, qual a sua opinião sobre o Programa Residência Pedagógica, tanto para os alunos bolsistas como para os Professores/Preceptores?

Samir: Por causa da pandemia não foi o contato ideal. Eu vou falar sobre o que eu acredito que seria o propósito dentro da escola, porque na prática, o presencial não teve, por isso não conseguimos ter aquele contato que seria levar vocês na escola, acabou desenvolvendo da forma mais irrisória. Mas, eu acho que o Programa é importante, ele é interessante, deveria dar continuidade. Porque as vezes fica algumas questões para quem vai entrar para a área educacional, por exemplo, eu aprendi muito na marra, aprendi fazendo. Eu lembro que ia conversar muito com um Diretor de Teatro sobre o quanto as turmas eram complicadas e ele nem era a melhor pessoa para me orientar, era uma conversa informal, ele era diretor de teatro, ou seja, pra mim foi surpresa, eu aprendi fazendo, mas com o programa eu acho que você evita esse tipo de surpresa, porque a pessoa já terá um contato direto com quem esta na área.

E existe outra coisa também... Professor universitário ele vai orientar em determinado sentido, mas a maioria não sabe como é a sala de aula, muitos não passaram pela educação básica, principalmente a pública. Terão vários que nunca nem trabalharam, não estiveram na sala de aula. Eu senti um pouco disso quando eu era estudante, porque os professores sugeriam jogos e parecia lindo e maravilhoso, mas quando eu cheguei lá não entendi nada, lembro-me do pessoal que fazia estágio comigo desesperado, então na Universidade a visão é uma, uma visão educacional que não é o real, não é o que acontece na sala de aula. A menos que você irá pegar uma escola particular, bem estruturada, mas não é o que a maioria das pessoas que

vão formar irá conseguir, alguns podem dar aula em universidade, outros escolas particulares, mas no geral é escola pública.

Por isso, eu acho que esse contato com os preceptores é importante, para ver a realidade, o que está no papel e o que é o concreto. Também é importante para os preceptores, porque você acaba tendo um vínculo com a Universidade, você acaba conseguindo ter essa troca, por exemplo, entre curso de Artes Cênicas e Música, eu sou formado em Artes Cênicas, com isso aprendi muito com o pessoal da música, ideias que podem ser trabalhadas. E também essa questão de conseguir articular um grupo dentro da escola, trazer uma experiência que é universitária, um pessoal com outro tipo de ideia. Porque acaba que ficamos muito tempo dentro da escola e vai engessando, vai trabalhando até encontrar um formato, que geralmente é mais confortável e você vai pelo mais seguro, por isso quando troca com pessoas de fora você percebe o que dá pra fazer, é possível mudar algumas coisas.

Aline: Você sente falta de uma formação continuada com o propósito de aprimoramento do seu “Eu” Artístico Pedagógico?

Samir: Eu gosto muito de estudar independente de ser ou não professor, eu sempre estou estudando, eu busco ter conhecimento das coisas que me chamam atenção, sempre estou procurando saber sobre algo. Mas, sendo professor tem que buscar ainda mais, o mundo é muito globalizado, você chega à sala de aula e tem que lidar com o celular o tempo todo, e é difícil competir com o aparelho, se chamar atenção o pessoal acha que você está sendo chato.

Aline: Também envolve a questão que você falou, esquecem o livro, mas não esquecem o telefone. Mas, com isso também percebemos o quanto a Educação é arcaica, porque realmente ninguém quer carregar o peso do livro se podem ter tudo no celular.

Samir: Mas tem o jogo financeiro de interesse, empresas lucram com essa compra de livros didáticos, na escola tem uma pilha de livros que não vão utilizar. Teve escolha de livro e ganhei uma pilha de livros, até de áreas que não é a minha, por exemplo, matemática... Um desperdício de dinheiro. Poderiam disponibilizar um arquivo, mas é a empresa de papel que precisa lucrar com isso?

Voltando ao assunto da formação eu percebo que precisamos estar ligados ao que eles estão vendo, para chamar a atenção, como eu disse anteriormente, quando eu comecei eu trabalhava muito com a história da arte, mas hoje em dia eu estou abrindo mão da arte pré-histórica, da

arte grega... Porque este tipo de coisa esta muito distante deles e até mesmo o ENEM tenta transitar nas coisas que estão mais presentes, do agora. Eu tento vincular, por exemplo, arte pré-histórica com grafite, são estratégias que nem sempre você irá descobrir sozinho, por isso essas formações podem servir de ideia, de contribuição, como trabalhar a arte na educação hoje.

Arte na Escola ainda é experimental, a formação continuada poderia ser um avanço nesse sentido, porque cada Professor trabalha de um jeito, com uma metodologia e tem uma opinião, por conta disso, se tivéssemos a oportunidade de conversar, trocar, conhecer e experimentar práticas lecionadas por diferentes Educadores.

Mas o ideal é um curso de Arte Educação, pra lecionar na Escola mesmo, aprender um pouco de tudo. Eu sempre falo que ninguém vai sair da minha aula sendo atriz, musicista, artista plástico, porque eu não tenho propriedade para isso, eu não sei tudo, não poderia ensinar as quatro áreas, no máximo eu poderia ensinar teatro de forma mais profunda, mas ainda assim vai depender da turma. Deveria ter uma formação específica para o professor de arte, curso de Arte Educação, enquanto não houver isso sempre será experimental, cada um irá trabalhar de um jeito. Qual é o melhor jeito? Eu estou com quatro estagiários, eu explico a minha forma de trabalhar, algumas coisas eles vão achar interessante e outras não... Quando for a vez deles terão que descobrir a melhor forma de trabalhar.

Aline: Outro ponto que estou analisando é como a Arte perde horário para outros compromissos da Escola. Mas eu tenho percebido, conversando com professores, que não tem a obrigatoriedade de disciplinas de Arte no Ensino Fundamental I das escolas públicas.

Samir: Eu nunca trabalhei no ensino fundamental I, por isso eu não sabia que não tinha. É engraçado, porque deveria ter, pois é o momento que a criança mais precisa trabalhar com o lúdico. Tivemos uma lei na época do Aécio Neves (aqui em Minas) que não teria a obrigatoriedade de trabalhar Arte em todos os anos do ensino fundamental, poderia optar. Obrigatoriamente teria que ter em um dos quatro anos do fundamental II e em um dos três anos do ensino médio, então se a escola não quisesse trabalhar Arte, poderia transferir o horário para outra disciplina... Com isso transferiam para matemática, língua portuguesa, o que a escola considerasse mais importante. Mas aqui em Ouro Preto o município sempre teve Arte no fundamental II.

Aline: Os alunos e alunas precisam se expressar artisticamente, mas eu vi no Residência as aulas de Arte perdendo horário para aplicar provas do governo e coisas relacionadas.

Samir: São poucas aulas, 40 aulas o ano inteiro, só que no final das contas não tem todas essas aulas. Amanhã mesmo tem uma palestra, vou levar os meninos, palestra sobre trabalho, essa turma já vai deixar de ter uma aula, sempre vai ter algo assim, você se depara com uma correria danada. Eu tenho que aplicar avaliação, mas preciso passar o conteúdo e fazer atividade prática, mas cadê o tempo? As vezes um assunto gasta o semestre todo, por exemplo, estou trabalhando cinema com uma turma, mas desde que começou o bimestre estamos falando disso. Se quiser trabalhar muita coisa não vai aprofundar em nada.

Aline: Vai tentar falar de tudo e não vai falar de nada. Igual aconteceu com os PET, não tinha sequência.

Samir: PET era só conteúdo, era somente para ter, para falar que passou, mas nada aprofundado. Mas mesmo assim, mesmo eu fazendo desse jeito não dá para aprofundar, não dá tempo.

Aline: Vou parar a gravação, porque sinto que já terminamos. Obrigada.